



a Liahona

JUNHO DE 1960

a liahona

JUNHO DE 1960
VOL. XIV — N.º 6

Orgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

“Os Oprimidos”, Presidente Asael Taylor Sorensen 164

DE INTERESSE GERAL

A Missão do Extremo Oriente Setentrional 165
Como Reparar um Erro, Lorna C. Alder 169
O Que o Homem É e Em Que Pode Se Tornar, Elder Hugh B. Brown 170
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 174
O Orientador Executivo, Elder Sterling W. Sill 178
Gratidão, Elder Henry D. Taylor 180

SEÇÕES ESPECIAIS

A Igreja no Mundo 163
Jóias do Pensamento, Elder Spencer W. Kimball 163
Sacerdócio nas Missões: Possuir o Sacerdócio, Presidente David O.
McKay 182
Suplemento da Lição para os Mestres-Visitantes do Ramo 186
Meu Testemunho 190
Seu Ramo 193
Reminiscências 195

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos
não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — S. Layne Shockley, Owen J. Stephens

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro
B. N.º 1 e Matrículas de Oficinas
Impressoras. Jornais e Periódicos, con-
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano US\$ 3,50
No Brasil: Ano Cr\$ 150,00
Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal
862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761



O Presidente David O. McKay Dirige a Igreja Num Período de Desenvolvimento Excepcional

A 3 de abril, o Presidente David O. McKay, presidiu a Centésima Trigésima Conferência Semi-Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi também a vigésima Conferência Semi-Anual desde que o Presidente McKay assumiu a presidência.

A década de sua presidência evidencia-se pelo excepcional crescimento e desenvolvimento jamais visto em qualquer outro período da Igreja na história em seus 130 anos. Sob o vigor e sabedoria de seu inspirado dirigente a Igreja encontra-se no limiar de uma nova e provável década capaz de atingir proporções realmente surpreendentes de crescimento e expansão.

O Presidente McKay assumiu a liderança da Igreja em princípios de 1950, e esta DÉCADA DE OURO viu o número de estacas crescerem de 184 para 297 proporcionando um aumento de 113 novas estacas, atingindo aproximadamente a média de 61% de aumento. O número de membros passou de 1.111.314 para 1.625.000 ou seja um aumento ao redor de 50%. Com a criação de 5 novas missões no último ano, temos um total mundial de 52 missões.

Uma outra interessante evidência do atual crescimento da Igreja é o número anual de conversos. Em 1950 o número total de conversos era de 14.700 ao passo que em 1958 êsse número aumentava para 33.330, esperando-se que em 1959 êle seja ultrapassado consideravelmente.

Presidente McKay tem viajado constantemente através do mundo, visitando, dedicando-se e dirigindo-se a pessoas de diversas condições de vida. O Brasil foi beneficiado com a visita do Presidente em 1954.

Completa o Presidente Smith 50 Anos Como Apóstolo

Nesta época de conferência, o Presidente Joseph Fielding Smith completa seu 50.º aniversário como membro do Conselho dos Doze. Êle foi ordenado Apóstolo no dia 7 de abril de 1910, depois de ter sido apoiado em Conferência Geral. Contava 33 anos de idade na época.

(Continua na página 168)



O VERDADEIRO RETRATO DO SALVADOR

Extrato de um discurso de Elder Spencer W. Kimball do Conselho dos Doze na Conferência Geral Anual, em abril de 1955

Em meu próprio escritório em casa e no escritório da Igreja eu tenho retratos de Jesus como Êle foi pintado pelos artistas. Eu os aprecio, porém êles não me dão o retrato completo ou aceitável do Senhor, e nenhum dos retratos que já vi é adequado. Nunca posso ver Cristo com meus olhos abertos, preciso fechá-los para ter uma idéia real do Salvador.

O Cristo de quem êles falam e que tentaram retratar foi o Mestre que viveu na terra entre os mortais. Eu gostaria de dar-lhes o Salvador como eu O imagino.

Eu penso no Senhor como quando Êle andava pela Galiléia e Palestina. Eu imagino como Êle deve ter se cansado, como deve ter passado fome e sede, porém Êle estava sempre calmo e paciente. Êle era amoroso; Êle era bondoso.

Parece que, ainda que por vêzes fôsse necessário repreender o povo, Êle fazia aquilo que nos pede, nas revelações modernas que fazamos. Êle repreendia, mas depois mostrava um aumento de amor com aquele que havia repreendido. Êle punha seus braços ao redor dêles também. Óh, como O amo pela sua mansidão, pelo seu perdão e pela sua bondade.

Eu penso nêle sôbre a cruz durante Sua agonia sem fim. Êle pensava em sua bondosa mãe aos seus pés. Êle foi afetuoso e bondoso quando disse a João, "Olha tua mãe", e à sua mãe, "Mulher olha teu filho".

Eu penso na sua bondade quando as mães orgulhosas e amorosas queriam que seus filhos obtivessem um olhar do Mestre, tocassem a orla de suas vestes e eram empurradas para o lado, e Êle dizia, "Deixai vir a mim os pequeninos, e não os impeçais, pois dêles é o Reino de Deus".



“OS OPRIMIDOS”

O Senhor é justo e misericordioso com todos os homens. Ele tinha em mente arrependimento e perdão, quando disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.

Você está afligido por algum pecado em que se envolveu? Precisa descarregar a alma, para obter alívio de sua consciência pesada? Você sente que foi ao ponto em que chega a duvidar — se pode dar uma recompensa completa? Será, que existe um meio de livrá-lo da carga de culpa?

Um dos primeiros princípios do Evangelho, é que ele provê o meio para que todos os que cometeram erros possam receber perdão. Este Evangelho mostra os passos que o transgressor deve dar para receber absolvição de seus pecados. Verdadeiro arrependimento, seguido do batismo é a porta, que leva o homem, inicialmente ao caminho da salvação. Mas, mesmo depois de passar pela porta e alcançar o caminho direito e estreito, muitos caem em pecado e tentação, e precisam de ajuda. Qual será a sorte dos que pecarem depois de batizados? Haverá para eles esperança de receber inteiro perdão?

A formula para o perdão está muito bem explicada nas escrituras. Primeiro, o transgressor deve abandonar seus pecados. Segundo, ele deve confessá-los ao Senhor ou ao Servidor do Senhor, indicado, e procurar o perdão d'aquêles contra os quais ele pecou. Terceiro, há necessidade de restituição àqueles contra quem ele pecou. Isto, em alguns casos, é muito difícil, e às vezes leva meses e mesmo anos até que o arrependimento seja completo, e deve ser

EDITORIAL

Pelo Presidente *Asael T. Sorensen*

feito com todo o esforço em poder do transgressor — O Senhor o espera. O ofensor deve estar pronto a perdoar aquêles que agiram contra ele, se ele quer esperar perdão daquêles que ele ofendeu. Por último, ele não deve pecar outra vez, mas ficar firme até o fim.

No Antigo Testamento, que nos dá conforto na justiça de Deus, lemos: “Se o impio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer juizo e justiça, *certamente viverá; não morrerá*. De tôdas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele: Pela sua justiça que praticou, viverá. Porventura de qualquer maneira desejaria eu a morte do impio? diz o Senhor Jeovah; porventura não desejo que se converta dos seus caminhos e viva?” (Ezequiel 18:21-23).

Pelo Profeta Joseph Smith, O Senhor deu mais instruções concernentes aos que se arrependem. “Por êste meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e abandonará”. (D. e C. 58:43).

O Senhor ainda disse: “Eu, o Senhor, perdoo os pecados daquêles que os confessam perante Mim e pedem perdão, se não pecarem mortalmente... portanto, digo-vos que deveis vos perdoar uns aos outros, pois aquêle que não perdoa a seu irmão as suas ofensas está em condenação diante do Senhor; pois nêle permanece o pecado maior. Eu, o Senhor perdoo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que se perdoe a todos os homens. E vós devíeis dizer em vossos corações — que julgue Deus entre Mim e ti e te recompense de acôrdo com as tuas obras. (D. e C. 64:7-11).

Quando o transgressor pagou, pelo arrependimento, o preço do perdão, ele poderá saber se foi perdoado pelo Senhor, porque gozará de um espírito doce; e chegará a êle um maravilhoso sentimento de alívio — como se a carga pesada tivesse sido removida de seus ombros. Tal será a paz socegada que virá à sua alma.

(Traduzido por Rodolpho Alberto Reader)

A Missão do Extremo Oriente Setentrional

A Missão do Extremo Oriente inclui três países, Japão, Coréia, e Okinawa. O maior e mais populoso dos três é o Japão.

O Japão é um país cercado pelo mar, composto de quatro grandes ilhas: Hoshu, Shikoku, Kiushu e Hokaido e ainda numerosas ilhas menores. O país cobre vários graus de latitude e tem uma grande variação de clima e temperatura. De sua longa lista de atraentes cenários, dos quais o Japão é pródigo, Monte Fuji é um deles, com seus 3.780 metros de altura. Com sua forma de manto de neve destaca-se impecável e graciosamente contra o azul do céu.

Tokio, a capital, tem uma população aproximada de 9.000.000 de habitantes. Dentro desse gigante industrial, muito do encantamen-

to do velho mundo ainda é mantido pelos costumes e arquitetura do passado.

Há menos de seis anos atrás a Coréia era palco de uma grande e sangrenta batalha, quando as relações mundiais estavam estremecidas, e parecia estarem todos os países à beira de uma terceira Guerra Mundial. Hoje, abaixo do paralelo 38, as atividades dos missionários desenvolvem-se em condições pacíficas, apesar do país ainda estar ocupado pelas forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Okinawa é a maior de um grupo de ilhas localizadas na parte central das Ilhas Ryukyu, estendendo-se em arco das ilhas japonesas de Kyushu na direção do sul de Formosa.

(Continua na página 167)



Os soldados da ONU ainda palmilham as plagas coreanas que de outra forma, seriam pacíficas.

JOSEPH FIELDING SMITH Jr.

Presidente do Conselho dos Doze

Respondeu à sua pergunta.

Tirado do Improvement Era

EU GOSTARIA DE SABER

O QUE É UM TESTEMUNHO?

PERGUNTA: *Queira ter a bondade de me dizer o que é um testemunho do Evangelho, e o que se deve fazer para obtê-lo?*

RESPOSTA: Conforme o dicionário, um testemunho é a declaração ou afirmação de um fato, como diante de um tribunal; evidência, prova.

Testemunhas prestam testemunho diante de um tribunal, e de acôrdo com a autenticidade do testemunho apresentado, o veredicto é dado. Pode obter-se um testemunho através da audição; da visão ou do sentimento. Em relação ao Evangelho, um testemunho é revelação recebida pelo indivíduo através de sincera procura por oração, estudo e fé. É a impressão ou comunicação do Espírito Santo a uma alma, de maneira convincente e positiva. É algo muito mais penetrante do que impressões de qualquer outra fonte, mas não pode ser inteiramente descrito.

Moroni, ao concluir o relato da história da nação nefita, como está contido no *Livro de Mórmon*, instrui todo o indivíduo afortunado a ler o *Livro de Mórmon* com estas palavras positivas:

E quando receberdes estas coisas, peço-vos que pergunteis a Deus o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com boa intenção, tendo fé em Cristo, Ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de tôdas as coisas. (Moroni 10:4-5).

Porém, não se deve esquecer, que uma pessoa procurando êste conhecimento não terá o privilégio de repetidas manifestações. Ela não tem o direito de receber direção contínua pelo Espírito Santo. O Senhor revela a verdade uma vez. Então, quando êste testemunho fôr dado, a pessoa deverá aceitar a verdade e receber o Evangelho pelo batismo, e na imposição das mãos o dom do Espírito Santo. O Senhor disse em S. João 14.17 que o mundo não pode receber êste Espírito ainda que uma manifestação inicial seja dada a cada um que procura a verdade sinceramente. Cornélio recebeu uma manifestação estritamente conforme as instruções de Moroni, e se êle se tivesse afastado, não teria havido luz ou direção adicional para êle. O Espírito Santo não discute com os homens, nem permanece com êles, exceto quando obedecem aos mandamentos do Senhor.

É dever de cada membro da Igreja viver humilde e sinceramente, e em estrita obediência aos mandamentos que foram dados. Fazendo isto, um homem pode saber a verdade. Evidentemente, existem muitos membros da Igreja, que não receberam um testemunho, simplesmente porque êles não levam a vida conforme os requerimentos do evangelho. O Espírito do Senhor não pode habitar tabernáculos impuros, e por isso o conhecimento prometido não

é recebido. E também existem membros, que não se dão ao trabalho de se informarem pelo estudo e fé; todos estes não têm a inspiração prometida aos fiéis. Quando isto acontece, os culpados são facilmente enganados e acham-se em perigo de se desviarem para falsas doutrinas e teorias de homens. O Senhor nos deu a chave pela qual podemos conhecer a verdade e descobrir erros. Ele disse: *A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quizer fazer a vontade d'Ele, da mesma doutrina conhecerá se é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.* (S. João 7.16-17).

Outra vez, ele disse: *Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.* (S. João 8.31-32).

Tão poderosa pode ser a manifestação do Espírito Santo e a impressão sobre a alma justa tão indelével, que o Senhor pronunciou os maiores castigos sobre aqueles que tendo recebido a luz que vem do Espírito Santo virarem as costas e negarem a verdade.

Portanto eu vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; porém a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens;

E, se qualquer falar alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro. (Mat. 12.31-32).

Pedro e Paulo, ambos deram testemunho da veracidade desta declaração. Pedro disse aos membros da Igreja:

Porque se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez

envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro.

Porque melhor lhes fôra não ter conhecido o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviar-se do santo mandamento que lhes fôra dado. (II Pedro 2.20-21).

A declaração de Paulo é ainda mais enfática:

Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do mundo futuro, e vieram a recair, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem aos vitupérios. (Hebreus 6.4-6).

Por isso, repito: um testemunho do Evangelho é um conhecimento convincente recebido por revelação divina pelo que humildemente procura a verdade. Sua força convincente é tão grande, que não pode restar na mente dúvida alguma, depois ter o Espírito falado. É o único meio pelo que uma pessoa pode saber verdadeiramente que Jesus é o Cristo e que Seu Evangelho é verdadeiro. Milhões de pessoas na terra acreditam que Jesus viveu e morreu e que Sua obra foi a salvação de almas; mas enquanto não se submeterem a Seus mandamentos, e não aceitarem sua verdade como foi restaurada, não conhecem, nem podem conhecer o inteiro significado de Sua missão ou de Seus benefícios para a humanidade. Somente através de humilde arrependimento e submissão ao Plano de Salvação é que pleno testemunho e conhecimento lhes virão. O caminho está aberto a todos que querem receber Suas verdades e aceitar Seus decretos e permanecer fielmente nêles.

A MISSÃO DO EXTREMO ORIENTE

(Continuação da página 165)

Existem, enfim, três línguas oficiais faladas na missão: Japonês no Japão, Coreano na Coreia e Ryukyu em Okinawa.

A Missão do Extremo Oriente é a mais recente missão organizada pela Igreja. Foi formada em 28 de junho de 1955, numa conferência missionária reunida em Karuizawa, Japão, sob a direção do Presidente Joseph Fielding Smith do Conselho dos Doze. O presidente da nova missão foi Hilton A. Robertson o qual havia previamente presidido sobre a Missão Japonesa.

A proclamação do Evangelho no Japão começou em agosto de 1901, quando Elder Heber J. Grant, do Conselho dos Doze, acompanhado dos Élderes Horace S. Esign, Louis A.

Kelsch e Alma O. Taylor, chegaram àquele país com o propósito de abrir uma missão da Igreja. A 1.º de setembro em Yokohama, os missionários subiram a uma colina nas proximidades de Yokohama, e fizeram uma reunião, durante a qual o Presidente Grant consagrava a terra do Japão para a proclamação do Evangelho. Posteriormente o quartel general da missão foi estabelecido em Tokio. O trabalho desenvolveu-se vagarosamente e só depois de março de 1902 foi celebrado o primeiro batismo. Em 1904, Elder Alma O. Taylor, ajudado por Elder Fred A. Caine e alguns japoneses instruídos, traduziram o Livro de Mormon para a língua japonesa. Contudo, poucos eram os conversos. Em 1920 o número de membros da igreja no Japão era de somente 127. Quatro anos mais tarde, sob a direção da Primeira Presidência a missão foi fechada.

Na primavera de 1948, a Missão foi reaberta, com Elder Edward L. Clissold como presidente. O ativo trabalho de conversão continuou então desde aquela época.

A Coréia foi consagrada à proclamação do evangelho, em 2 de agosto de 1955, e Okinawa

doze dias mais tarde, ambos pelo Presidente Joseph Fielding Smith quando de sua viagem pela missão do Extremo Oriente. O número de membros da missão, segundo relatório de dezembro de 1959 era de 3.729. Presidente Paul C. Andrus preside agora a missão e foi elevado àquela posição desde 1956.

A IGREJA NO MUNDO

(Continuação da página 163)

"A maior modificação que teve lugar na Igreja no último meio século é a maneira como dividimos as estacas agora," disse Presidente Smith. Cinquenta anos atrás, lembrou-se, nós não dividíamos as estacas e dos Bispos e Presidentes de estacas era esperado que servissem durante toda a vida, disse êle.

O que vê êle no futuro da Igreja? "Crescimento," disse Presidente Smith. O trabalho missionário está grandemente expandido, além de qualquer coisa que já tivemos, explicou.

Embora esteja com aproximadamente 84 anos, o Presidente Smith está diariamente em sua escrivaninha atendendo aos muitos deveres de seu chamado como chefe do Conselho dos Doze, uma posição que êle ocupa desde 1951, e como historiador da Igreja. Êle comparece aos seus compromissos em conferências de estaca assim como os outros Irmãos e é ainda uma autoridade altamente respeitada em história e doutrina da Igreja.

Relembrando o tempo em que êle se tornou membro do Conselho dos Doze, Presidente Smith disse, "Nós viajávamos de todas as maneiras possíveis." Isto incluía cavalos, carruagem e trem, disse êle. Por contraste, êle já viajou mais recentemente em jactos supersônicos.

O Presidente Smith fez numerosas viagens por mar, realizando suas designações, viajando pela Europa, Extremo Oriente, tanto quanto por todas as partes dos Estados Unidos e México. Sua fervorosa companheira, Jessie Evans Smith o tem acompanhado em muitas destas viagens.

Ao tempo da chamada do Presidente Smith para o Conselho dos Doze, seu pai, Joseph F. Smith estava presidindo sobre a Igreja. O avô do Presidente Smith, Hyrum Smith, foi o irmão do Profeta Joseph Smith e Patriarca

da Igreja, que partilhou do martírio da Cadeia de Carthage.

Presidente Smith, em sua longa carreira como Autoridade Geral, escreveu numerosos livros, panfletos e artigos sobre a doutrina e história da Igreja. Êle é presidente da Sociedade Genealógica, membro do Conselho de Educação da Igreja e tem sido ativo em numerosos outros negócios e cargos cívicos.

ELDER HANKS RECEBE DESIGNAÇÕES ESPECIAIS PARA FALAR

O Elder Marion D. Hanks, do Primeiro Conselho dos Setenta, é um homem ocupadíssimo, ultimamente. Haja visto, estar êle sendo convidado constantemente para falar a várias organizações dos Estados Unidos, em suas respectivas convenções nacionais.

O último convite recebido por Elder Hanks, foi para falar em uma convenção nacional especial, à 200 representantes selecionados do 4II Club, (Uma organização nacional da juventude rural americana). Os 200 jovens representavam um número superior a 2.250.000 membros do Club.

Êste não é porém o único convite deste genero recebido por Elder Hanks. Entre outros, há três meses, êle foi indicado para dirigir-se à Conferência da Casa Branca sobre Crianças e Jovens, em Washington. Êle tem sido convidado quase constantemente para falar em outras conferências de natureza semelhante, tornando-se rapidamente reconhecido como uma das maiores autoridades nacionais no auxílio e aperfeiçoamento das condições de bem estar da criança e na prevenção da delinquência juvenil.

Êle é membro do Comitê de Adaptação da Juventude Americana, do Presidente Eisenhower.

Quando nos vemos face à missão desagradável de corrigir um erro, construímos em nós mesmos a saúde mental e conservamos com os outros as boas relações humanas.

por Lorna C. Alder



COMO REPARAR UM ÊRRO

Muitas e valiosas impressões da vida têm sido registradas por alguém que toma a si o cuidado de corrigir os erros de outra pessoa. Cada situação requer sua própria solução. Aqui estão exemplos em que o amor e a imaginação indicaram o caminho.

MODO DE PAGAR

Regressando alegremente às suas casas após uma tarde de recreação num aniversário, as crianças pulavam e corriam brincando de atirar pedras, a medida que caminhavam. De repente a brincadeira tornou-se em temor e apreensão, pois Eric, um menino de 7 anos, ao atirar uma pedra, esta foi chocar-se de encontro ao vidro do carro de um vizinho. O homem saiu de seu carro e começou a olhar em volta. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Eric correu para ele, atirou seus braços em volta das pernas do homem, e, olhando para seu rosto disse: "Nós somos amigos, somos companheiros, não?" Depois Eric voltou correndo para casa.

Aquela tarde Eric ficou muito quieto e sua mãe pensou que ele estivesse doente. Mas Eric não disse nada. Durante a tarde e antes de ir para a cama ele lutou consigo mesmo. O homem do carro não o havia repreendido. Eric não lhe havia dado oportunidade. Várias e várias vezes Eric perguntou a si mesmo se aquilo estava certo, embora soubesse que não estava.

Na manhã seguinte as coisas não pareciam nada melhor. Eric desejava que aquilo não tivesse acontecido e que pudesse esquecer o incidente.

Foi um alívio para o menino quando seu pai começou a falar sobre o acidente. Era agra-

(Continua na página, 194)

O Salmista disse: quando contemplo os céus estrelados;
Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;
Que é o homem mortal para que te lembres dêle? e o filho do homem, para que o visites?
Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroa-te.
Fazes com que êle tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puzestes debaixo de seus pés,

SALMO 8:3-6

O Que o Homem é, e Em Que Pode Se Tornar

Elder Hugh B. Brown

Quando olho este auditório de jovens Santos dos Últimos Dias, o que vejo é potencialmente mais grandioso e mais precioso do que o Salmista viu no céu estrelado. Êle diz a obra das mãos de Deus; Eu vejo seus filhos. Digo "potencialmente" maior, e é ao potencial do homem que eu gostaria de dirigir a vossa atenção.

Creio que posso melhor expressar meus sentimentos citando a expressão de Will Durant: "Sinto-me como uma pequena gôta orgulhosamente suspensa por um momento na crista de uma onda, tentando analisar o mar". Com humildade e fervorosamente, abordo o assunto sobre o que é o homem e em que pode se tornar.

Quando penso no homem — no homem potencial — é em sua relação com Deus, sua origem, e seu possível destino; e quando pergunto qual é o limite de sua realização, penso que a resposta é encontrada em outra pergunta: "O que fará o homem com sua liberdade e o que êle fará para ter sua vida em harmonia com as leis de seu universo, as leis de Deus?"

Somos bastante agradecidos por pertencermos a esta Igreja em que a liberdade, a dignidade e a integridade do indivíduo são bases da sua doutrina, bem como a exteriorização de nossos pensamentos e opiniões. O temor não sufocará o pensamento, como acontece em certas áreas que ainda não emergiram das eras negras. O próprio Deus se recusa a embaraçar o livre arbítrio do homem muito embora a sua prática ensine, às vezes, lições amargas. Tanto a ciência realizadora como a religião



manifesta, encontram suas expressões mais verdadeiras e completas no clima de liberdade.

Ao agirdes no sentido de fazeres as vossas “declarações de independência”, espero que não vos torneis jovens extremistas. Espero que saibais distinguir entre a liberdade e o abuso. Espero que compreendais que a liberdade deve estar acompanhada pela prudência e inteligência. Então direi, acautelai-vos contra o racismo. Ao mesmo tempo eu vos incito a resistirdes a morosidade da preguiça mental que alguém disse, conduz ao endurecimento prematuro das artérias intelectuais. Incito-vos também, e em especial, a evitardes a preguiça de espírito, que é a pior espécie de letargia. Existem certos homens que são de tal modo apáticos que fazem com que uma tartaruga pareça intoleravelmente vivaz.

Espero que desenvolvais um espírito inquietor. Não temais as novas idéias porque elas são os degraus do progresso.

Mencionei a liberdade para expressar os vossos pensamentos, mas acauté-lo-vos de que os vossos pensamentos e expressões devem encontrar competição no mercado do pensamento; e nessa competição a verdade emergirá triunfante. Únicamente o erro tem a temer a liberdade de expressão. Procurai a verdade em todos os campos, e nessa procura vós necessitareis de pelo menos três virtudes: coragem, estímulo e modéstia. Os antigos punham êsse pensamento na forma de oração. Diziam êles: “Da covardia que desvia da nova verdade, da indolência que se satisfaz com meia verdade, da arrogância que imagina possuir tôda a verdade — oh, Deus da verdade, livrai-nos”.

Tantos os religiosos como os cientistas devem evitar o dogmatismo arrogante. Os primeiros sabem apenas o que Deus quiz revelar sobre Êle mesmo, e os últimos admitem francamente que a verdade de hoje pode ser modificada e ampliada pela descoberta de amanhã. Tanto a ciência como a religião geram a humildade. Mas ao considerarmos em conjunto o potencial do homem, sou forçado a dizer que não cometamos o erro de imaginar que o corpo é o homem.

David Sarnoff disse: “O homem é o maior dos milagres e o maior dos problemas sobre a terra,” e o Presidente J. Reuben Clark Jr., em seu esplendido e pequeno livro “Homem, o maior milagre de Deus”, nos dá uma instrutiva e bela descrição do corpo do homem. Mas o homem é também espiritual, mental e estético. E se encontra o prazer, êste será devido à sua própria natureza completa, real e

inevitável. Por êstes prazeres é que nos esforçamos: Alexander Pope disse:

“Conheca-o por si mesmo; não imagine Deus. O próprio estudo da humanidade é o homem”.

Achareis êsse estudo do homem — de vós mesmos — mais desafiador, mais intrigante, mais satisfatório do que o estudo de qualquer outro assunto, seja êle sobre pedras, estrêlas, árvores, flôres ou sobre as camadas da terra.

No primeiro capítulo de nosso mais velho livro, lemos:

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.

“E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai-vos e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a...” (genesis 1:27,28).

O homem, pois, desde o princípio teve uma única posição, uma imagem natural derivada, e somente a êle foi designado um papel importante. A declaração “criado à imagem de Deus” nunca foi feita com relação a quaisquer outras de Suas criações.

O ponto de vista do Santo dos Últimos Dias com respeito ao potencial do homem está na vanguarda do pensamento científico ou religioso. Antes do Evangelho ser restaurado, ninguém dizia: “Como Deus é, o homem pode se tornar”. No entanto Jesus disse: sede vós pois perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus”. (Mat. 5:48). Não implica essa injunção em possibilidades ilimitadas? O Apóstolo João disse:

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando êle se manifestar, seremos semelhantes a êle; porque assim como é o veremos”. (I João 3:2).

Se quaisquer de vós já ficastes preocupados com o assunto da evolução, digo que aqui existe um conceito inspirado sobre a evolução que mais exalta que degrada o homem. Êle relaciona-o a um divino Criador tanto quanto ao destino. Isto é verdadeira evolução, a qual vós podeis admitir com absoluta segurança. Mas quando falamos do potencial do homem em ser como Deus, não nos esqueçamos de que, a diferença entre nós e nosso Pai Celestial agora, é incompreensivelmente grande. E que êsse conceito só pode ser sustentável à luz das eternidades que temos pela frente e pela compreensão e aplicação do princípio da progressão eterna.

Se encontrássemos a verdadeira felicidade, deveríamos continuar a averiguação pela qual nossos espíritos ansiam. Esse anelo é dado por Deus e é como se fôsse de Deus.

A fome pela fé e compreensão apegar-se à mente e ao espírito do homem. Lembrai-vos do que disse Weiman: "O maior inimigo da verdade é a tenacidade do homem em apegar-se às crenças injustificáveis". Deveis estar sempre prontos a interpretar de novo os vossos conceitos quando êstes deixarem de passar a prova dos fatos recentes. Deveis abandonar os vossos preconceitos. Alguém disse que preconceito é uma opinião vaga sem meios aparentes de amparo.

Ao passo que vamos vivendo, descobrimos que em nosso universo existem certas leis que são universais, inexoráveis, imutáveis e eternas. Vemos também que tôdas as bênçãos são baseadas na obediência a essas leis. Do passado aprendemos algumas coisas. Devemos respeitar o passado pois que êle nos tem muito a ensinar, não está morto. Mas somente o conhecimento do passado não pode resolver os problemas do presente nem do futuro. "O passado", diz o filósofo, "é a soma dos fatores operando no presente".

Nossa vida terrena, que é comparada a um projétil teleguiado, não é acidental; ela foi planejada com um fim em vista e é voluntária. Fomos dotados com uma fagulha divina, com capacidade potencial de manter e engrandecer nossa órbita a medida que nos desenvolvemos em inteligência e domínio próprio.

Ao passo que adquirimos inteligência, compreendemos progressivamente o plano integral, a grande estratégia e o nosso próprio lugar e a nossa participação nêle. Tentemos, pois, pela obediência à lei, adaptar nossas vidas a êsse plano e façamos nossas várias partes. Quando êsse plano nos foi primeiramente apresentado, não fomos dissuadidos pelo fato de que a jornada seria perigosa. Nós, como milhões de outros, nos rejubilamos com a perspectiva da vida terrena, muito embora fôssemos avizados de que existiriam pela frente problemas e perigos.

Compreendei a Lei de Deus

Assim como o mais leve defeito no mecanismo de um projétil teleguiado ou numa nave do espaço, não só poderá desviá-lo de seu objetivo como poderá destruí-lo completamente, assim também o nosso fracasso na compreensão e obediência às leis de Deus, retardará a nossa jornada, desviará o nosso curso, e poderá alterar seriamente o nosso esforço futuro com trágicos resultados.

Não existe nenhum mecanismo tão delicado, tão sensível ou maravilhoso quanto o Espírito Santo, pelo qual nossas vidas podem ser guiadas se ajustarmos o mecanismo de nossas al-

mas e harmonizarmos nossas mentes com seus motivos. Mas essa grande fôrça orientadora pode ser isolada ou seccionada pela conduta imprópria ou desviada por um pensamento impuro. Temos completa liberdade de considerar ou desconsiderar a diligência dêsse espírito, mas devemos suportar as consequências de nossa escolha.

O homem é mais que aquilo que alguém chamou de "acidental combinação de moléculas". Um grande cientista nos lembrou recentemente que "nenhum átomo molécula jamais teve um pensamento; nenhuma combinação de elementos jamais gerou uma idéia; nenhuma lei natural jamais edificou uma catedral". Nunca houve uma análise científica do homem que não deixasse um resíduo, algo que a mais perfeita análise não pode alcançar.

Os Homens Devem Permanecer humildes

Os cientistas e professores de religião discordam entre si sobre teologia e outros assuntos. Mesmo em nossa própria Igreja, os homens discordam e debatem uns com os outros sobre suas próprias interpretações de assuntos dos quais não temos conhecimento suficiente. Mas esta livre troca de idéias não deve ser lamentada enquanto os homens permanecerem humildes e compreensivos.

Por exemplo, há várias opiniões acêrca do tempo envolvido e do método empregado no grande e contínuo drama da criação. A exposição bíblica apresenta-o em poucas linhas impressas. Parece óbvio que as escrituras não eram projetadas como os textos da biologia, antropologia, geologia ou quaisquer outras ciências.

A Bíblia nos relata ligeiramente o que aconteceu "no princípio" mas como esclarece o Dr. James E. Talmage, o "princípio" do mundo é indefinido. Qualquer pergunta com respeito ao que aquêle princípio foi é inteiramente fútil porque não tem resposta. A informação dada nas escrituras sobre o tempo levado nos primeiros grandes atos da criação, se refere apenas à criação espiritual". O presidente Joseph Fielding Smith nos diz: "A vida não começou aqui nesta terra; a vida já existia muito antes do nosso sistema solar existir". O Dr. John A. Widtsae fez a seguinte declaração: "É razoável supor que os grandes atos da criação bem podiam ter continuado através de milhões de anos. De fato, é duvidoso que o homem tenha calculado, de acôrdo com os métodos de medida do homem, o tempo envolvido", e o Dr. Talmage disse que a terra passou através de eras de preparação, sem limites e imensuráveis.

Tempo Virá para Se Saber o Resto

Chamo vossa atenção para algumas palavras de Elder Anthony W. Ivins, que disse: "Não aguento homens que dizem que a terra tem apenas seis mil anos, nem com aqueles que dizem ter ela 600.000 anos, nem aqueles que dizem ter seis milhões de anos. Sei que estamos aqui sobre a terra e sei que o Senhor nos disse porque aqui estamos. Dia virá em que saberemos todo o resto. A nossa interpretação errônea da palavra do Senhor é que nos conduz aos infortúnios".

Elder Anthon H. Lund disse: "Qualquer que seja o princípio de nossa religião, deve vir através de revelação e ser sustentado pela Igreja; e não temos que trabalhar por nada além das obras que foram aceitas pela Igreja como um corpo".

Não parece, pois que devemos ter a mente aberta e sermos compreensivos em tôdas essas matérias e não darmos muita atenção a coisas que ainda não foram reveladas?

Mas ainda que muito pouco tenha sido originalmente escrito sobre os detalhes da criação do mundo e do advento do homem sobre ele, deve-se observar que Deus é o autor de dois registros da criação: um é escrito na Bíblia e ampliado pela revelação moderna; e o outro das camadas da terra. Cada qual tem sido às vezes errôneamente interpretado e mal compreendido e, certas ocasiões, pareceu ser contraditória ou estar em desacôrdo. Se vos lembardes que êstes dois registros são do mesmo divino autor, vereis que eles não podem ser fundamentalmente opostos, conforme a interpretação do homem de qualquer um deles, ou ambos, seriam seriamente falhos.

Escrito Pelo Dedo de Deus

Certas escrituras foram escritas pelo dedo de Deus e foram dadas a Moisés sobre táboas de pedra. Outras escrituras foram ditadas pelo Senhor a seus profetas, escritas tanto nos tempos antigos como nos modernos, e aqui encontramos a maior literatura do mundo.

E não existem também histórias mais fascinantes — nem mais certas, quando propriamente interpretadas, e compreendidas — do que a escrituras também figuradas pelo dedo de Deus sobre as páginas de pedra da crosta terrestre. Mas por nenhum desses registros os homens foram capazes de determinar exatamente o tempo envolvido na organização da terra na criação do corpo físico do homem. A resposta a essas questões não é importante no que concerne à salvação do homem, senão, sem dúvida, ela seria revelada. Qualquer discussão

prolongada sobre este assunto é improfícua porque todos os fatos não são disponíveis.

Pelas obras Padrões da Igreja temos ciência de que o Senhor formou ou organizou a terra de materiais em existência. Que é impossível criar algo do nada é um axioma científico bem como espiritual. De novo citamos o Dr. Widtsae: "É doutrina estabelecida da Igreja que os elementos fundamentais que constituem o universo são eternos, indestrutíveis, duradouros. Se êste elementos na época atual são chamados de moléculas, átomos, elétrons ou pura energia, pouco interessa. Tudo o que é realidade fundamental é eterno. A matéria, como a conhecemos, da qual a terra foi organizada consiste de elementos eternos.

Mas para mim seria presunção tentar discutir de modo completo esta matéria ou dar minha opinião pessoal com respeito aos aspectos científicos ou religiosos disto. Não tentarei responder questões controversas. Poderei dizer onde são encontradas certas respostas ou indicar a passagem a que se deva dar destaque.

Nem o temor das conseqüências nem qualquer espécie de coerção será usada para assegurar a uniformidade de pensamento na Igreja. Contudo, devemos ser cuidadosos, não ensinando nunca como doutrina da Igreja aquilo que pode ser nossa interpretação pessoal de um assunto. Existem certos ensinamentos fundamentais da Igreja com os quais os membros devem concordar e endossar.

Nunca devemos olvidar o fato de que a Igreja é dirigida por revelação, que o Senhor tem um agente através do qual Ele fala à Igreja, e que é o Presidente da Igreja. O Presidente David O Mackay disse recentemente: "Qualquer que seja o assunto, os princípios do Evangelho de Jesus Cristo podem ser elaborados sem temor da objeção de qualquer pessoa e o professor deve ficar livre para expressar suas convicções honestas com respeito a ele, seja o assunto sobre geologia, história do mundo, os milhões de anos que levaram para preparar o mundo físico, sobre engenharia, literatura, arte. Qualquer princípio do Evangelho pode ser ligeira ou extensivamente comentado para apóio do pesquisador que procura conhecer a verdade.

O Homem Estava Com Deus

Em Doutrina e Convênios lemos: "O homem estava também no princípio com Deus: A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem pode deveras ser feita... Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento inseparavelmente ligados recebem a plenitude da alegria.

(Continua na página 185)



Jé, Essa Conquistadora

Por James A. Little

No episódio do último mês, Jacob Hamblin havia sido indicado pelo Presidente Brigham Young para atravessar, a salvo, uma companhia de mercadores, pelas áreas infestadas de índios do Utah Meridional, e da região que corresponde atualmente ao estado de Nevada. Os comerciantes estavam deixando a região, porque temiam que os Mórmons estivessem para ser, uma vez mais, expulsos de seus lares. Por esta época, os Estados Unidos estavam enviando a Utah um batalhão de seu exército.

Continuamos a viagem através do deserto de seis milhas em direção à nascente do Los Vegas. Lá encontramos os irmãos Ira Hatch e Dudley Leavitt, que se dirigiram para missão entre os índios Mohave.

Aquêles índios, à sua chegada tomaram-lhes os animais, reunindo depois um conselho para decidir se deveriam ou não matar os irmãos. O chefe pediu o voto de seu povo, e foi decidido que deveriam morrer.

Um amigo Piute que acompanhava os Elderes desde Los Vegas, começou a lamentar sua sorte, dizendo-lhes "Eu disse que os Mohaves os matariam se viessem, e agora eles vão fazê-lo".

O irmão Hatch disse a seu amigo Piute, que agia como interprete, para solicitar do che-

fe Mohave, Chanawanse, que o deixasse orar antes de ser morto. O chefe consentiu, e o irmão Hatch ajoelhou-se entre os sanguinários, e pediu ao Senhor que suavizasse-lhes os corações para que não derramassem seu sangue. Disse ainda mais coisas apropriadas para a ocasião.

A oração foi repetida em sentenças bem medidas pelo interprete.

E ela teve o efeito desejado.

O coração do chefe abrandou-se e ele levou os irmãos a sua cabana, escondendo-os no fundo dela em lugar seguro. Lá os guardou até a próxima manhã, dizendo-lhes então para fugirem o mais depressa possível para Los Vegas, a oitenta milhas de distância.

Eles percorreram toda essa distância a pé, com poucos víveres. Quando os descobri, estavam vivendo de certa espécie de pão fabricado de uma vagem parecida com a do feijão, que é nativa no local. Isto me foi relatado pelos Elderes quando nos encontramos.

Em Los Vegas soube que os índios de lá supunham que a companhia houvesse sido sacrificada no Córrego de Muddy.

Quando deixamos esse ponto de abastecimento de água, três índios nos seguiram para roubar.

Eles foram trazidos para o acampamento e ali conservados até a manhã. No resto da via-

gem não tivemos mais dificuldades com os índios.

Encontramos várias caravanas de Mórmons de São Bernardino que se dirigiam a Utah.

Trabalhei o restante do outono e inverno de 1857-8 na estrada entre Santa Clara e a nascente do Los Vegas, na proteção aos Santos, que se dirigiam a Utah.

Voltando a primavera, removi minha família, como de costume, para Mountain Meadows e trabalhamos no pastoreio de nosso gado.

CAPÍTULO — VIII

Esta carta do Presidente Brigham Young ilustra tão perfeitamente sua pacífica e catequética política para com os indígenas, que se me afigurou como merecedora de um lugar dentro desta narrativa:

Escritório do Presidente

Cidade do Grande Lago Salgado

5 de março de 1858.

“Querido Irmão: — Seu recado do dia 1.^o de fevereiro veio ter em minhas mãos a 3 do corrente. Agradou-me o conhecimento do sucesso e prosperidade geral que reinam na missão, e anseio para que as salutares e maravilhosas influências que agora já abrangem várias tribus dessa região, continuem a espalhar-se pela terra, até que tenham iluminado todo filho e filha de Abraão em estado decadente.

“A hora de sua redenção acaba de soar, e se avizinha o tempo em que, recebendo conhecimento, começarão a crescer e progredir na terra, para tornar-se um povo a quem o senhor abençoará.

“Os índios devem ser incentivados a criar e pastorear gado. Eu aprovo incondicionalmente seu desejo de formar uma fazenda entre os nativos; isto os ensinará a conseguir subsistência por meio de sua própria industriiosidade, deixando o irmão ainda mais à vontade para visitar outros índios e ampliar entre eles seu labor missionário. É mais judicioso deixar com êsse povo alguns poucos missionários que lhes ensinem a criação de gado e o plantio de cereais, sem após, come-los em seu lugar. Você deve se lembrar sempre, de inculcar-lhes o respeito pelos direitos alheios; e os irmãos devem ser especialmente cuidadosos em não infringir-lhes os direitos, sob qualquer aspecto, para assim cultivar a honra e os bons princípios nessa comunidade, através do exemplo tanto quanto do preceito.

“Como sempre, eu permaneço seu irmão no evangelho da salvação,

Brigham Young



O envio de um batalhão, pelo govêrno geral ocasionou muita excitação e debate entre o povo. Os êrros terríveis e as perseguições de Missouri e Illinois retornaram vívidamente às mentes dos que os haviam sofrido, intensificando fortemente o parecer público quanto aos males que o govêrno geral tencionava, evidentemente, infligir aos Santos em Utah.

Aos Êlderes que retornavam das missões européias, pelo caminho da califórnia, parecia que o govêrno iria enviar uma tropa ao Utah Meridional através daquela rota.

Sendo esperado que eu visitasse os índios e investigasse um pouco a situação por lá, reuní cinco homens e, na primavera de 1858, dirigi-me pela estrada de Los Vegas ao rio Colorado, no sopé das ilhas Cottonwood, a 170 milhas do povoado de Santa Clara.

Como sempre fôra minha política, cultivei os bons sentimentos dos índios naquela região.

Um pequeno vapor ancorava à cabeça das ilhas, e uma companhia de homens, com animais, estava se dirigindo rio acima, em direção oposta a nossa. Eu instrui o Irmão Thales Haskell para que, de um bosque de salgueiros, saudasse a tripulação, enquanto o resto de nosso grupo permanecia escondido. Se algum bote fôsse enviado para recolhe-lo, êle passaria por renegado de Utah, e se informaria sobre quem eram e o que pretendiam. O irmão Haskell foi logo abrigado a bordo do vapor.

Orei muito por êle aquela noite, pois minha mente estava oprimida por lúgubres sentimentos. Eu sonhei então que o capitão do barco oferecia aos índios um grande prêmio pelo meu escalpo.

Ao nascer do dia enviei dois homens à retaguarda para verem se alguém nos seguia, com instruções de continuarem seu caminho para casa se vissem algo errado.

Logo depois avistamos o bote do vapor a desembarcar o Irmão Haskell. Êle nos informou que a companhia tinha caráter militar e

externava sentimentos muito hostis contra nosso povo; a expedição fôra enviada pelo governo para examinar o rio, verificando se uma força poderia penetrar o Utah Meridional para inspecionar o trabalho dos Santos, através daquela direção, se se tornasse necessário subjugar os "Mormons".

Em nossa primeira noite fora do rio, um índio de Los Vegas surpreendeu-nos, e informou que logo após nossa partida, o vapor ancorou lá, desembarcando grandes quantidades de mantas, e outras utilidades e os passageiros fizeram presentes aos índios Mohave e Piutes, oferecendo-se para pagar muito bem pela captura de qualquer "Mórmon" que descobrissem em suas terras.

Quando alcançamos os irmãos enviados pela manhã, eles disseram haver identificados dois tripulantes do vapor que examinavam nossa trilha em direção ao rio. Eles prosseguiram até o vapor, e os irmãos se desviaram por outro caminho.

Por essa ocasião três ou quatro Élderes esforçava-se para organizar um povoado em Nascentes de Los Vegas. Confabulando juntos, concluímos ser melhor evacuar o local. Alguns dirigiram-se para casa, e meu irmão Oscar Hamblin, permaneceu para ajudar os índios a esconder seus mantimentos.

O irmão Dudley Leavitt e eu percorremos trinta e cinco milhas para oeste, na estrada da Califórnia, até uma mina de chumbo para obter uma carga desse minério.

Como eu tinha alguma experiência em fusão de minério, nossos esforços coroaram-se de sucesso.

Na noite após o preparo da carga comecei a escalar uma montanha ao lado da qual localizava-se a mina, para avistar os arredores antes de partir. Retornei sobre meus passos para avisar o Irmão Leavitt de que um índio espreitava nossos cavalos, e que se ele não os trouxesse e amarrasse em algum lugar, seriam roubados tão logo anoitecesse.

O irmão retorquiu que cuidaria disso. Muito preocupado com o perigo que representaria a perda dos animais, adverti-o uma segunda vez, recebendo uma réplica indiferente.

Quando regressei estava quase escuro, e o Irmão tinha acabado de sair em busca dos cavalos.

Tudo o que vimos deles a partir de então, foram as pegadas, e o rastro do índio que os conduzia.

Os selvagens daquela região não possuíam cavalos, não estando, portanto, acostumados a montá-los, mas os roubavam para comer.

Assim, viu-se o Irmão Leavitt na contingência de ir a Los Vegas, trinta e cinco milhas distantes dali, para pedir a meu irmão que trouxesse sua parelha, a qual conduziria nosso carroção de retorno a casa.

Como ele não regressasse quando eu esperava, comecei a caminhar em sua direção e não o encontrando no primeiro dia, parei numa gruta para passar a noite.

Sem o que comer, juntei algumas folhas de cactus, ou vagens que assei para o jantar.

Eram de uma variedade nova para mim, e apresentavam manchas vermelhas. (Mais tarde soube dos índios que eram venenosas).

Após cozinhar-las nas cinzas, comi um pouco, mas não sabiam bem. Produziram uma sensação de ardor na garganta. Logo compreendi que estava envenenado.

Meu mal estar aumentava e eu me sentia vertiginoso, e como não encontraria socorro nas proximidades, sentí que minha carreira terrena estaria terminada, a menos que o Deus de Israel me salvasse, como eu sabia que ele fizera muitas vezes antes.

Ajoelhado, supliquei fervorosamente ao Senhor que tivesse misericórdia de mim naquela situação extrema, e salvasse minha vida.

Logo senti meu estômago enjoado e vomitei livremente. Uma grande sede sucedeu-se, e eu logo exauri o pequeno suprimento de meu cantil.

Esta água foi logo expelida, e mais tranquilo estendi-me, dormindo até o amanhecer.

Por não saber se meu irmão viria ou não, continuei minha caminhada para Los Vegas.

Estava faminto e debilitado, e se jamais senti desejo de comida foi naquela ocasião.

Quase ao meio dia encherguei meu irmão vindo para me socorrer, e aquela foi realmente uma visão bem-vinda. Havia duas estradas de aproximadamente, trinta milhas a leste da mina. Uma delas não era percorrida, usualmente, mas conduzia à estrada principal. Pouco tempo antes de nossa ida para lá, uma companhia que havia tomado essa estrada secundária abandonara alguns carroções por lá, e nós desejávamos recolher um pouco de ferro.

Assim que chegamos à mina, meu irmão Oscar e eu, resolvemos deixar o chubo onde estava, e ir para Oeste, nessa trilha deserta, até uma fonte à vinte e cinco milhas, para recolher o ferro ali abandonado.

Chegando à nascente, não encontramos tanto ferro quanto esperávamos, mas recolhemos ao nosso vagão o que havia.

Antes que eu partisse nessa jornada para Los Vegas e rio Colorado, minha parelha, con-

duzida pelo meu garôto índio, Albert, havia seguido com o irmão Calvin Read para a Baixa Califórnia. Passavam-se já três meses desde sua partida.

Na manhã que se seguiu à nossa chegada à fonte, em oração, o Espírito mostrou-me uma companhia de irmãos, ainda algumas milhas a Oeste, naquela estrada lateral. Contei êsse facto a meu irmão, e também que minha parelha estava com êles, bem como o garôto índio que no momento pastoreava os animais bem ao lado dos carroções procurados, perto de uma fonte.

Propus então que descarregassemos o ferro, seguindo naquela direção.

Meu irmão objetou e disse que nunca ouvira falar de nascente por aquêles lados.

Após muita persuasão, êle consentiu em descarregar o ferro, mas dirigia relutantemente, dizendo que eu era um visionário que estava sempre vendo alguma coisa.

Viajamos mais ou menos três milhas e avistamos um acampamento. Encontrei meu menino, Albert, guardando os cavalos; havia uma boa nascente de água e muita grama. Exatamente atrás estavam os carroções.

Os irmãos afirmaram nunca ter se rejubilado tanto ao avistar alguém. Não estavam familiarizados com a região e precisavam de nosso auxílio para alcançar Los Vegas.

CAPÍTULO — IX

Em ocasião posterior ao meu retorno do rio Colorado, tive oportunidade de ir a Salt Lake City. Atingi aquela cidade após ter o batalhão nacional penetrado o vale do Lago Salgado. O povo da parte Norte do Condado de Utah, havia abandonado seus lares, e se mudado para o sul.

Através da instrumentalidade do Coronel Thomas L. Kane, tinha-se encontrado uma pacífica solução para nossas dificuldades com o governo geral, e os Santos estavam retornando a seus lares abandonados.

É popularmente conhecido que os inimigos dos Santos dos Últimos Dias os acusaram de subtrair à justiça o homem branco que, supunham, haviam-se juntado aos índios no massacre de Mountain Meadow. Mr. Cumming sucedeu o Presidente Brigham Young no governo do território de Utah, em princípios da primavera que antecedeu a chegada do exército dos Estados Unidos no vale do Lago Salgado.

O Presidente Brigham Young instruiu Elder George A. Smith a ter uma entrevista com o novo governador, para conhecer seu parecer

acêrca do incidente de Mountain Meadows, e assegurar-lhe que tôda assistência seria prestada à Côrte dos Estados Unidos com o fito de uma completa investigação.

O Irmão Smith levou-me com êle, e apresentou-me como alguém que estava bem informado em assuntos indígenas no Utah Meridional, e que lhe forneceria qualquer informação solicitada de que pudesse estar a par. Êle salientou também, perante o governador Cumming, a propriedade de uma urgente investigação quanto àquela horrível ocorrência, para que, se algum branco estivesse envolvido, pudesse receber justa punição por seus crimes.

O Governador Cumming replicou que se o Presidente Buchanan tinha publicado um manifesto de anistia e perdão ao povo "Mórmon", êle não desejava voltar atrás, iniciando qualquer busca sôbre o assunto.

Acentuando que o crime tinha caráter exclusivamente pessoal, nada tendo a ver com os "Mórmons" como um povo, ou com os encarregados gerais do Território, o Irmão Albert afirmou que êsse crime era justo objeto de uma investigação diante das Côrtes dos Estados Unidos.

Mr. Cumming esquिवou-se ainda de interferir, devido ao manifesto governamental.

A resposta do Irmão Smith foi substancial: "Se o assunto não tivesse sido tirado de nossas mãos através da troca de governantes no território, o massacre de Mountain Meadows seria uma das primeiras coisas a obter nossa atenção, quando no Sul de Utah se estabelecesse uma Côrte dos Estados Unidos. Aí verificaríamos se brancos estiveram ou não envolvidos com os índios no massacre".

Eu fui apontado, em Salt Lake City, subagente dos índios.

Durante o verão de 1858, estando no meu lar em Santa Clara, certa manhã às 9 horas, e empenhado em deitar abaixo um grande galho de algodoeiro, caí de um altura de trinta pés. Fiquei horivelmente contundido e fui carregado quase à morte para casa.

Recobrei os sentidos às 8 horas da noite e expeli de meu estômago uma boa quantidade de sangue. Pedi aos irmãos que estavam ao redor para que me administrassem, e êles assim fizeram. Desde a hora em que caíra da árvore até então, estivera perdido, para tudo que dizia respeito a assuntos terrenos.

Durante aquêle período de tempo, pareceu-me subir da terra e olhar para ela, que se assemelhava a uma bola escura. O lugar onde me encontrava era muito agradável para se permanecer. Estava dividido em comparti-

(Continua na página 188)



O ORIENTADOR executivo

pelo Elder *Sterling W Sill*

Assistente do Conselho dos Doze

O Dicionário diz que executivo é aquele que executa. Ele é a garantia de que o serviço será feito, não só eficientemente mas também em tempo.

Por certo, a mais importante parte de qualquer sucesso deve-se ao líder. É ele que trabalha à frente e arca com toda a responsabilidade. Trata-se do orientador executivo — aquele que põe o programa em ação. É ele que garante a realização, bem como o sucesso de outros membros da organização. Se o líder realmente orienta, a realização é assegurada, pois um sacerdote forte torna o povo forte. O Marechal Foch disse certa vez que não foi um exército que cruzou os Alpes, mas Aníbal.

A palavra executivo no sentido literal significa ativo, eficaz, o que é muito próprio de um bom orientador executivo. O orientador executivo é aquele que determina os objetivos, constrói a estratégia, decide os métodos, planeja as realizações e dá o devido incentivo. O orientador executivo é responsável pelo clima no qual o sucesso deverá ser obtido. No trabalho, no exército ou na Igreja, o “espírito de corps” não flui de baixo para cima, mas de cima para baixo. Uma organização tende a ser aquilo que o seu comandante chefe é, e o melhor orientador executivo é aquele que pode aproveitar completamente o potencial de todo sob suas ordens. O sucesso máximo requer que cada membro faça o possível, pois, quando um fracassa, esse fracasso pode determinar o fracasso de toda a equipe. Um jogador de bola-ao-cesto pode pôr toda a equipe a perder. Assim também acontece na Igreja, onde não há posição em que um só homem possa fazer tudo sozinho.

É responsabilidade efetiva do orientador executivo evitar o fracasso antes dele ocorrer. Portanto, ele deve estar familiarizado com as razões do fracasso. Aristóteles disse certa vez que nunca temos realmente o conhecimento de uma coisa até que a conheçamos pelas suas causas. Todo sucesso e todo fracasso tem uma causa, assim como a obesidade a indigestão. A função do orientador executivo eficiente, é destruir os germes do fracasso antes que se reproduzam. De modo constante ele dirige sua organização no sentido do predeterminado objetivo.

Recentemente, um homem contou uma passagem de sua infância numa fazenda. Seu pai transportava beterrabas para uma fábrica, num carroção puxado por duas parelhas de cavalo. O menino segurava as rédeas enquanto o carroção estava sendo carregado, mas ao passo que a carga ia ficando mais pesada, então o pai tomava o controle, pois os cavalos podiam render mais com o pai no comando.

Com cavalos ou com homens, a facilidade com que a carga é movida é determinada em grande parte por aquele que controla as rédeas e como deve controlá-las. Um carroceiro experientado sabe como comunicar-se com as pare-

lhas por meio das rédeas, da voz, maneira, etc. Ele torna as coisas mais fáceis porque os componentes das parselhas ficam aptos a coordenar seus esforços e trabalham em conjunto. Até mesmo os cavalos aprendem a ter confiança num mestre capaz. Eles sabem que ele não irá exigir o impossível; ele sabe qual o esforço máximo de que cada um é capaz e não tolerará um cavalo preguiçoso ou empacador que poderia destruir toda a eficiência da parselha.

Quando era o pai que segurava as rédeas, os cavalos produziam tudo que podiam; eram organizados e unidos; sabiam que aquêle que segurava as rédeas agia em seus próprios interesses.

Assim acontece com o orientador executivo. Todos são inspirados pela sua capacidade, imparcialidade e propósito. Um grupo é mais forte do que a totalidade dos membros individuais. Cada um recebe força do outro.

Ernie Pyle, o falecido correspondente de guerra, disse que, “nove décimos do moral é obtido pelo orgulho do aparelhamento e confiança em seus comandantes”. Mas moral e realização podem se desmoronar quando o líder não tem competência. Entretanto, é bem comum ver bons homens falharem em suas funções executivas. Eles podem ter grande fé, mas nenhuma competência; podem ter um testemunho, mas não comparável com aquilo que lhes é designado. Deus não pode ser servido pela incompetência.

“...podeis vós”, disse Jesus a seus seguidores, “beber o calix que eu hei de beber”? (Mat. 20:22). Assim também Ele poderia nos perguntar: Podeis vós fazer o trabalho de *alistamento*? Podeis fazer crescer espiritualmente o coração do povo? Podeis enviar relatórios exatos e no devido tempo? Podeis suportar vossa porção de responsabilidade sem ser sempre lembrados? Podeis (por assim dizer) conduzir o barco a um porto seguro?

Deus é melhor servido, somente quando desenvolvemos nossos melhores talentos e podemos eliminar o fracasso e todas as suas causas.

Depois que a França foi conquistada pelos Nazistas, em junho de 1940, o Marechal Petain, referindo-se aos anos de antes da guerra, anunciou este requiem sobre a França perdida: “Nosso espírito de prazer foi mais forte que o nosso espírito de sacrifício. Queríamos ter mais do que aquilo que poderíamos dar. Tentamos poupar esforços e encontramos o desastre.”

Às vezes nosso propósito é imposto pelo mal, e eventualmente podemos nos defrontar com uma tragédia bem superior àquela que caiu sobre a França, se fracassarmos em nossa “administração” porque “não somos capazes”.

Na obra de salvação, a simples bondade não é suficiente; necessitamos também de capacidade, jeito e determinação de prosseguir.

O Senhor indicou, em nossos dias, um dos maiores pecados dos sectários, quando disse: “Eles se chegam a Mim com seus lábios, porém seus corações estão longe de Mim.” A pior blasfêmia não é a profanidade, mas a vanglória. Este grande mal ainda persiste em nosso meio procurando destruir-nos, e como o filho do vinhaiteiro dizemos, “Eu vou”, mas não vamos.

Muitos de nós somos apenas parcialmente fiéis. Porisso muitas vezes escolhemos o caminho mais fácil, do mínimo esforço. Entretanto, a obra de Deus exige o nosso esforço máximo. Não é uma “devocão parcial” que é pretendida pela eseritura e que diz: “...vêde que o sirvais de todo o coração, poder, mente e força”. (D. & C. 4:2). Deus acentuou bem a importância de nosso sucesso espiritual quando disse: “Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, melhor lhe fôra que se submergisse na profundidade do mar.” (Ver Mat. 18:6).

Um bom líder deve ser perito em psicologia humana, pois que os mais importantes problemas do mundo são os problemas humanos. Uma recente pesquisa revelou que de todos os desastres de automóveis em que houve morte, quatro por cento desses desastres foram ocasionados por desarranjos mecânicos e noventa e seis por cento por falha humana, o que indica uma maior necessidade de mecânicos humanos do que de mecânicos para autos. A força aérea mantém o Serviço Médico para conservar os homens em seu melhor estado físico e “aterrá-los” quando a ineficiência indica o fracasso iminente.

(Continua na página 187)



Elder Sterling W. Sill

GRATIDÃO

Por Elder *Henry D. Taylor*

Assistente do Conselho dos Doze

Meus caros irmãos e irmãs. O dia de conferência é sempre um dia vibrante em que os Santos se reúnem aqui na Sede da Igreja, provenientes do mundo inteiro. Os amigos cumprimentam-se calorosamente, ao passo que as amizades são renovadas.

Antigos missionários se encontram na reunião e relembram as deliciosas experiências por que passaram quando a serviço do Senhor.

Sempre que me aproximo deste histórico Tabernáculo, o faço com um sentimento de reverência e temor, quando considero que os Santos têm para aqui convergido, durante noventa e um anos e meio, para ouvir a palavra do Senhor e receber inspiração de seu líderes indicados. Tendo-se terminado a construção do Tabernáculo, aqui teve lugar a primeira conferência, em outubro de 1867.

Encorajemo-nos uns aos outros, meus caros irmãos e irmãs, e confio que os irmãos que passam por este púlpito sentem a força de suas orações e a inspiração que vocês trazem consigo.

Há muitos anos atrás, copiei uma inscrição que se via acima de uma das entradas da Estação da "Union" em Washington, a qual dizia:

"Aquêle que quer trazer ao lar as riquezas das Índias, deve levar consigo as riquezas das Índias; assim acontece também ao viajar, o homem deve levar consigo conhecimento, se êle quizer trazer conhecimento ao lar".

Êsse mesmo princípio é bem verdade, hoje em dia. Se desta conferência levarmos a espiritualidade, devemos ter trazido conosco um espírito de espiritualidade.

A Primavera é uma época gloriosa do ano, quando a nova vida começa a despertar e a terra parece acordar de sua longa sesta de inverno. Um antigo profeta bíblico exclamou:

"Porque eis que passou o inverno; a chuva cessou e se foi;

"Aparecem as flores na terra, o tempo

de cantar chega, e a voz da rôla ouve-se em nossa terra". (Cantares de Salomão 2:11-12).

Êste despertar faz lembrar a morte e a ressurreição do Salvador e podemos considerar êsse grande débito de gratidão que lhe devemos pelo Seu sacrifício expiatório.

Têm-se falado que, "embora a gratidão seja uma das virtudes menores, a ingratidão é um vício dos maiores".

O egoísmo, a avareza e a indiferença são sub-produtos da ingratidão. Um exemplo clássico de ingratidão ocorreu durante o ministério do Salvador, quando Êle esteve aqui sobre a terra. Lucas registra o acontecimento nestas palavras:

"E aconteceu que, indo êle a Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galiléia;

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe;

E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós.

E êle, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo êles, ficaram limpos. E um dêles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz;

E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e êste era samaritano.

E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? Não houve quem voltasse a dar glória a Deus senão êste estrangeiro?

E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou".

(Lucas 17:11-19).

A gratidão, irmãos e irmãs, resulta no amor, desprendimento e consideração pelos outros. Ela

tem uma influência purificadora que, quando expressa, pode ser uma coisa bela. Uma recente notícia de jornal trazia interessante passagem:

“A Polícia do Distrito de Columbia, pôs em leilão, na sexta-feira, cerca de 100 bicicletas não reclamadas.

Um menino de onze anos fez o primeiro lance — “Um dólar”, disse êle. O lance contudo foi muito além, mas o menino repetia esperançosamente cada vez que era apregoada uma outra bicicleta, — “Um dólar”.

O leiloeiro, que vinha apregoando durante 43 anos bicicletas roubadas ou perdidas, notou que as esperanças do menino mais aumentavam quando era leiloada uma bicicleta de corrida.

Finalmente restava uma só bicicleta de corrida. Os lances subiram a 8 dólares, mas o leiloeiro disse: “vendida para aquêlê menino lá, por 9 dólares”. Em seguida tirou 8 dólares de seu próprio bolso e pediu o dólar do menino. O pequeno revolveu tudo quanto era bolso e catou todos os níqueis que haviam; pagou a bicicleta e começou a sair. Apenas dera alguns passos, parou sua nova aquisição e estacionou-a cuidadosamente, voltou, e, cheio de gratidão atirou seus braços em tórno do pescoço do leiloeiro e chorou”.

O Presidente Richards, numa recente palestra na Universidade de Brigham Young, citou êste belo pensamento expresso por Sir Isaac Walton:

“Deus tem duas moradas: uma nos céus, a outra num grato coração com o qual êle me dotou”.

O Senhor espera que recebamos nossas bênçãos com um coração grato. Através de um profeta moderno, êle fez esta promessa:

“E, aquêlê que, com ações de graças receber tôdas as coisas, será glorificado; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais”. (D. & C. 78:19).

Muitas oportunidades nos são constantemente apresentadas para expressarmos reconhecimento e gratidão pelas nossas numerosas bênçãos.

Diariamente, devemos reunir nossas famílias ao nosso redor quando nos ajoelhamos em oração de família. Muitas vêzes durante cada dia podemos fazer uma proveitosa pausa e em ora-

ção secreta, dar grato reconhecimento pelas múltiplas generosidades com que somos contemplados.

No primeiro Domingo de cada mês, realiza-se a reunião do jejum e testemunho em tôdas as “wards” e ramos. Os membros da Igreja são encorajados a erguer-se e apresentar pública demonstração de sua gratidão pelas incontáveis bênçãos que o Senhor tem derramado sobre êles.

Um excelente meio de mostrarmos a nosso Pai Celestial, nosso amor e reconhecimento pelas suas bênçãos, é através de nossas ações e vida reta.

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos”, disse o Salvador, ao salientar êste princípio. (João 14:15).

Temos muitas coisas pelas quais devemos ser gratos. Entre elas está o privilégio de sermos nascidos nesta dispensação em que foi restaurado, à terra, o evangelho em sua plenitude, mediante mensageiros celestiais. E êste evangelho é um plano — um plano de salvação — um diagrama que, se seguido, pode de novo nos conduzir à presença de Deus.

Certamente devemos recordar, com gratidão, a missão de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e sua disposição de dar sua vida para que pudéssemos ter salvação e a oportunidade de obtermos exaltação.

Devemos ser devidamente gratos pela vida do primeiro profeta nestes últimos dias, Joseph Smith, e louvar êsse “homem que comungou com Jeová”, pois foi através do Profeta Joseph que o evangelho foi restaurado e foi organizada a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Podemos dar graças pelos Presidentes que sucederam a Joseph Smith, e especialmente pelo nosso Presidente dos presentes dias. Ao considerarmos a bondade a grandeza do Presidente McKay, podemos cantar de todo coração o hino: “Agradecemos-Te, Ó Deus, pelo profeta que nos guiará nestes últimos dias”.

Afinal, sou profundamente agradecido pelo conhecimento de que sou realmente um filho espiritual de nosso Pai Celestial, criado à sua imagem e segundo sua própria semelhança, e ainda que temporariamente privado do privilégio de morar em sua presença, posso mesmo assim comunicar-me com êle através da oração e posso receber força, conforto e orientação.

Que o Senhor nos abençoe a todos para que tenhamos corações gratos. Oro humildemente em nome de Jesus Cristo, Amém.



SACERDÓCIO NAS MISSÕES

POSSUIR O SACERDÓCIO

Pelo Presidente *David McKay*



A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, comemora este mês o centésimo-trigésimo aniversário da restauração do Sacerdócio de Melquizedec.

Tôda vez que o sacerdócio é delegado ao homem, êle lhe é conferido, não como distinção pessoal, embora se torne tal quando êle o dignifica, mas como autoridade para representar a Deidade e a obrigação de auxiliar o Senhor em conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem.

Irmãos, possuir o sacerdócio de Deus por autoridade divina é um dos maiores dons que o homem pode receber, e a dignidade é de primeira importância. Honre o sacerdócio com corpo limpo, mente sã, e disposição em servir seus semelhantes.

A própria essência do sacerdócio é eterna. Quando encontra expressão na vida, êle manifesta poder. Podemos conceber o poder do sacerdócio como existência potencial; como um reservatório de água represada. Tal fôrça se torna dinâmica e produtiva sômente quando as fôrças liberadas se tornam ativas nos vales, campos, jardins e lares felizes. Do mesmo modo, o princípio do poder é manifesto sômente quando êle se torna ativo na vida dos homens, dirigindo seus corações e desejos a Deus, e levando-o a dedicar-se a seus semelhantes.

É imensamente abençoado, aquêle que sente a responsabilidade de representar a Deidade. Êle deve senti-la a tal ponto que se torne côns-cio de suas ações e palavras sob todos os aspectos. Nenhum homem que possui o sacerdócio deve tratar sua espôsa de modo desrespeitoso. Nenhum homem que possui êsse sacerdócio deve deixar de pedir a bênção de seus alimentos e ajoelhar-se com seus filhos em oração, pedindo a Deus orientação. Um lar se transforma porque o homem possui e honra o sacerdócio. Não devemos usá-lo ditatorialmente. Uma das mais belas lições de pedagogia ou psicologia e govêrno é a revelação do Senhor ao Profeta Joseph Smith, que diz:

"Que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelos princípios da retidão.

"É certo que êsse poder pode ser conferido sôbre nós; mas quando tentamos encobrir os nossos pecados, ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, ou exercer contrôlo e domínio ou compulsão sôbre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que, os céus se afastam; e o Espírito do Senhor se magoa; e quando se afasta, é o fim para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem. "Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio a não ser que seja com persuasão, com longanidade, com mansuetude e ternura e com amor não fingido; "Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliará a alma sem hipocrisia e sem dolo. "Reprovando às vêzes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquêlê que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo". (D. & C. 121:36-37; 41-43.)

Estritamente falando, o sacerdócio, como poder delegado, é de aquisição individual. Contudo, por decreto divino, os homens que são indicados a servir em cargos especiais no sacerdócio, se unem em quoruns. A própria existência de ta's grupos, estabelecidos por autorização divina, proclama nossa interdependência comum, e a indispensável necessidade de auxílio e assistência mútua. Somos, por direito divino, seres sociais.

Nossas vidas estão envolvidas com a vida dos outros. Somos mais felizes quando contribuímos para a vida do próximo. Digo isto, porque o sacerdócio que vocês possuem indica que vocês irão servir a outros. Vocês representam Deus no campo em que fôrem designados. Assim êste poder encontra expressão nos grupos bem como nos indivíduos. O quorum é a oportunidade para os homens de aspirações comuns, de conhecer, amar, e auxiliar uns aos outros.

Para que um quorum funcione deve haver uma organização na Igreja. Na história dos negócios dos homens com Deus, diversos profetas possuíram o Santo Sacerdócio, às vêzes,

quando não havia Igreja regularmente organizada sôbre a terra, mas nunca em tais condições houve um quorum organizado do sacerdócio. A Igreja, pois, é o meio pelo qual a autoridade do sacerdócio pode ser prôpriamente exercida e administrada. Desde que haja plena autoridade do sacerdócio sôbre a terra, deve ser mantida uma organização na Igreja. Por outro lado, não pode haver nenhuma Igreja verdadeira sem a divina autoridade do Santo Sacerdócio. O futuro e a permanência da obra do Senhor, aqui sôbre a terra, é assegurado por tanto tempo quanto os possuidores do sacerdócio conservarem em mente a grande missão da Igreja.

Vamos supor que somos membros da maior fraternidade, da maior irmandade — a irmandade de Cristo — em todo o mundo, e fazer o possível, todo dia, para manter os padrões dêsses quoruns.

A organização da Igreja é tão perfeita que cada homem dentro dela pode achar algo para fazer; e disto depende o adiantamento do seu bem estar espiritual. Êle tem chance de trabalhar na Igreja de Jesus Cristo, não levando em consideração quão jovem possa ser o rapaz ou quão idoso possa ser o homem. Mas avalie o que isto significa. Examinem em suas mentes as organizações como nos são reveladas nesta dispensação. Examinem a começar da Primeira Presidência, depois os Doze, os sumosacerdotes, os setentas, élderes, sacerdotes e diáconos, tôda essa linha do Sacerdócio! Vejam êsse poderoso exército de homens prontos a fazer — o que? Designados para fazer o que? Trabalho; trabalho significa conhecimento; conhecimento significa vida eterna.

Vivamos vidas honestas e sinceras. Sejamos honestos para conosco mesmos, honestos para com nossos irmãos, honestos com nossas famílias, honestos com os homens com os quais lidamos; sejamos sempre honestos, pois os olhares estão sôbre nós, e a base de todo caráter reside no princípio da honestidade e sinceridade.

"Porque aquêlê que quizer salvar a sua vida, perde-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á." (Mat. 16:25).

Todo homem que possui o sacerdócio constrói sôbre êsse mesmo alicerce.

dável ouvir o pai falar: “Filho, quando quebramos alguma coisa, temos que pagar por ela”.

Mas Eric ainda estava preocupado. Ele não sabia como poderia ganhar dinheiro suficiente para pagar o vidro quebrado.

Era época da colheita do feno e Eric auxiliava seu pai e os homens a colhê-lo. Embora ele tivesse apenas 7 anos de idade, ele podia auxiliar a guiar o trator. Então, durante o calor do dia, o pai de Eric levava os homens e os meninos que ajudavam a colhê-lo, para beberem algum refrigerante.

Depois de alguma discussão, Eric e seu pai decidiram que Eric não tomaria a sua soda gelada, mas os 10 centavos equivalente ao seu prego, lhe seriam dados a fim de economizar e pagar o vidro quebrado. Agora havia um modo para que ele pudesse pagar!

Com o decorrer dos dias quentes, Eric esperava do lado de fora enquanto os homens e meninos tomavam suas bebidas geladas no bar.

Realmente ele achava muita falta de sua soda, mas que agradável era economizar mais uma moeda para pagar o vidro. Eric sabia que muito breve teria dinheiro suficiente para pagar seu bondoso vizinho. As coisas estavam indo muito bem!

* * *

RENASCIMENTO NUM ANIVERSÁRIO

Quando eu tinha 15 anos de idade eu era terrivelmente “cacete”. Certa vez, durante um período de várias semanas, eu me deliciava particularmente em fazer versos sobre uma jovem de minha própria idade com quem eu ia num ônibus para a escola e voltava. Aqui está um exemplo de minhas “poesias”:

Céus! Senhorita Mud,
Que boca enorme você tem;
O “Grande Canyon” nela caberia
E ainda lugar sobraria.

Enquanto Dottie Mud corava e se encabulava, o resto da turma ria, e o Sr. “Eu”, aproveitando a ocasião, declamava pomposamente outros versos irreverentes e desairosos, sempre às expensas de Dottie.

O episódio se repetia quase que todos os dias enquanto o ônibus fazia o trajeto de casa para a escola e vice-versa. Mas um dia o pai da srta. Mud foi visitar meu pai. Eles falavam em voz baixa e de vez em quando dirigiam o olhar para o meu lado.

Mais tarde papai teve uma conversa com mamãe. Na manhã seguinte, durante o dia e parte do dia seguinte, mamãe andou visitando os vizinhos e com eles ela conversou em cochichos. Um ou dois dias depois, ela anunciou com

alarde que estava organizando uma festa especial em minha honra para festejar meu aniversário um mês antes.

O grande dia chegou e com ele os convidados. Mamãe não poupou detalhes para tornar toda a trama memorável. Após as diversões e os refrescos, de acordo com o plano, os presentes foram empilhados bem a minha frente. Abri muitos pacotes lindamente embrulhados. De repente as coisas começaram a acontecer dentro de mim. Minha impressão era que todo presente era bastante bonito. Notei também algo mais — em todo pacote havia pregado um cartão muito bem escrito em verso. Cada expressão era elogiosa e cheia de bondade; cada verso transmitia amizade e respeito. Sentia dentro de mim um calor intenso.

Finalmente restou um só pacote para ser aberto, um só cartão para ser lido. O presente era uma faca de caça. A nota uma obra prima:

Caro Sr. “Eu”

As pequenas lágrimas que tenho

tôdas as noites derramado,

têm ultimamente meus olhos embaçado.

Agora, em você, já não posso falta ver

Acho-o maravilhoso!, de fato grandioso!

O cartão estava assinado:

“Sinceramente, Srta. Mud.”

Levantei vagarosamente os olhos do cartão e pude perceber os olhares significativos e bondosos trocados entre mamãe, papai e Dottie Mud.

O Sr. “Eu”, havia nascido de novo.

* * *

A CABEÇA QUE INCLINA

Existe um antigo conto inglês sobre um velho e alquebrado ancião e um vigoroso jovem, que um dia aconteceu encontrarem-se. O jovem disse ao velho em sua maneira altiva e gabola:

“Por que o senhor não anda firme e erecto como eu? Isto não é maneira de envelhecer. É uma questão de hábito — pelo menos é o que me disseram”.

O velho homem dirigiu-lhe um olhar inteligente e disse:

“Meu caro e jovem amigo. O senhor já reparou alguma vez o seu belo trigal e já notou as cabeças que pendem? Se não, procure olhá-las atentamente, porquanto a época da colheita está próxima. O senhor verá que as cabeças que estão bem vazias são as que permanecem erectas e altivas, mas as cabeças que são consideradas boas para a colheita estão cheias, e pendem bem baixo, esperando pela afiada segadeira do ceifador — como o sr. sabe, sua vida é curta”.

E quando o jovem prosseguiu, inclinou

lentamente sua cabeça. Sem dúvida êle ponderou por muitos e muitos dias, as coisas que o ancião lhe dissera.

* * *

ÊLE APRENDEU A SERVIR

“Vejam como êle grita!”, riam os meninos enquanto fustigavam com varas um pobre e alquebrado velho.

Sem revidar, o velho, um verdadeiro cavaleiro, afastou-se coxeando e apoiado em sua bengala, procurando evitar aquelas varas; mas quatro meninos resolveram importuna-lo mais e dar ao velho amigo muito mais do que êle poderia suportar.

Finalmente, sua filha, Chata Portio, veio correndo em seu auxílio, e os meninos afastaram-se rindo.

Em seu caminho, a srta. Portio relatou o comportamento desagradável e maldoso dos meninos às suas famílias. Os pais ficaram bem aborrecidos com o fato, pois Henry Portio era um cidadão de respeito; agora, porém, bastante velho para poder trabalhar. Os meninos foram punidos, cada família usando seus próprios métodos.

A mãe de um dos meninos levou-o aparte e teve com êle uma longa conversa. O garoto ficou muito envergonhado quando soube que o Sr. Portio havia sido amigo particular de seu pai. Durante a Revolução Mexicana, o pai do menino fôra aprisionado como refém e fechado sem alimento. Henry Portio havia passado alimento ao homem enquanto êle esteve cativo. Muitos anos depois, o velho cavaleiro e sua filha vieram morar numa colônia mórmon. Agora, o filho do homem que êle havia favorecido, fôra realmente cruel para com êle.

Só ao ouvir em como o Sr. Portio havia auxiliado seu pai, já era uma punição quase que suficiente para o menino. Mas a prudente mãe

discutiu o caso com seu filho e, juntos, concordaram em que êle não veria seus companheiros durante certo tempo. Era-lhe permitido sair de casa sômente para ir a casa do Sr. Portio, e lá fazer qualquer coisa de bom para Chata e seu pai todos os dias.

Foi com grande humilhação que o menino enfrentou o Sr. Portio pela primeira vez depois do incidente com as varas; mas êle foi recebido com carinho pelo velho bondoso e sua querida filha.

As visitas matinais para ajudar a apanhar verduras frescas e levar ocasionalmente alguns recados para o Sr. Portio, resultaram numa amizade que antes não existia. Êle aprendeu a amar Chata e seu pai.

Esta passagem bem que podia ter sido um fator para tornar o menino num filho devotado a seu pai quando êste caminhar com uma bengala, ou quando, mais tarde, precisar entrar e sair de seu carrinho de rodas.

NÓS FAREMOS UM AMIGO

Um dia a filha do Conde Tolstoi estava brincando com alguns dos filhos dos servos de seu pai. Súbitamente, a menina entrou chorando no quarto do pai, queixando amargamente contra uma das crianças que, brincando, a havia atingido. Implorando a seu pai, ela pediu-lhe que punisse imediatamente o jovem servo.

O Conde Tolstoi, na melhor das tradições paternas, tomou sua filha no colo, acariciou suas faces molhadas e começou a raciocinar com ela de modo compreensivo.

“Querida”, disse êle, “se eu tivesse que sair para castigar o menino que te molestou, então nós dois teríamos um inimigo. Não seria melhor que você fôsse a copa e puzesse um pouco de geléia num pão e o fôsse levar ao seu inimigo? Então, ao invés de nós dois fazermos um inimigo, você e eu teríamos ganho um novo amigo”.

O Que E O Homem e Em Que Pode Se Tornar

(Continuação da página, 173)

E, quando separados não pode o homem receber a plenitude da alegria.” (D. C. 93:29, 33, 34)

É interessante notar que cem anos depois que estas grandes verdades foram dadas através do profeta, com respeito ao espírito e elemento, o notável autor, Elton Trueblood, fez a penetrante observação de que “Quanto mais identificamos os nossos espíritos com a ordem natural, tanto mais vemos que a matéria e espírito são uma combinação naturalmente beneficiente, e mais somos compelidos pela razão a supor (aceitar como fato) a realidade de um criador superior a ambos.”

O Espírito Sempre Existiu

Pelas revelações modernas temos conhecimento de que o espírito do homem consiste, pelo menos em parte, de inteligência, ou a luz da verdade, que é eterna como Deus — o que quer dizer que êle sempre existiu. Esse espírito eterno e imortal foi, conforme o plano, abrigado num corpo mortal que foi organizado dos elementos eternos que não são destruídos pela dissolução que chamamos morte. Quando o espírito eterno e os elementos eternos são reunidos novamente, o homem, então alma imortal, pode receber a plenitude de alegria. O Dr. Talmage analisa a discussão da criação do universo como segue:

“O que é o homem nessa série ilimitada de sublime esplendor? Direi a vós. Potencialmente, na realidade, êle é maior mais sublime, mais precioso, na aritmética de Deus, do que todos os planetas e sóis do espaço. Para êle foram êles criados; são o trabalho da mão de Deus. Ao homem foi dado o domínio sôbre muitas coisas.

“Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Salmos 19:1). Incompreensivelmente grandioso como o são as criações

físicas da terra e espaço, êles vieram à existência com um fim necessário, da realização do supremo propósito que nas palavras do Criador é assim expresso: Porque eis que esta é minha obra e minha glória — conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem”.

Que sempre vos esforceis para serdes dignos de vossa origem, imparciais em vossas oportunidades. Preparai-vos constantemente para o vosso destino.

Suplemento da Lição para os Mestres-Visitantes do Ramo

LIÇÃO Nr. 7

Preparado como um suplemento para a mensagem dos mestres-visitantes de maio de 1960.

O mundo está cheio de belas e interessantes coisas. Falamos de sete maravilhas, mas na realidade elas somam milhões. O homem, uma criatura curiosa, quer conhecê-las a tôdas... a escultura de Florença e a porcelana da China... os dramas de Shakespeare e as sinfonias de Beethoven... as histórias das nações e os hábitos dos pássaros... línguas e especialidades, artes e ciências... um mundo de maravilhas, tanto naturais como artificiais, tanto físicas como intangíveis.

Ê, por certo, impossível a qualquer de nós — mesmo os mais dotados — aprender tudo de tudo, ou mesmo tudo de alguma coisa. Todos nós devemos ser seletos, especializados, aprendendo as coisas que nos são de maior interesse. Conscienciosamente ou não, estabelecemos critérios e os medimos, uns contra os outros; êste processo determina o que aprendemos, quanto aprendemos e, finalmente, que espécie de povo somos.

Algumas formas de conhecimento, são, contudo, mais importantes que outras. De maior importância a cada um de nós é o conhecimento do evangelho de Jesus Cristo — êsse poder de Deus para a salvação — pois que êle afeta a vida de cada um de nós de maneira profundamente pessoal.

Se vamos ser salvos mediante o evangelho, devemos estar familiarizados com êle. Aqui, num sentido bem real, o conhecimento é o poder e a compreensão a salvação. Devemos compreender seus ensinamentos e — o que é mais importante — devemos saber que êle é verdadeiro. De-

vemos procurar e obter um testemunho de sua divindade. Para isto, devemos suplementar nosso conhecimento com a fé, desejo, oração, e atividade na Igreja. Se assim procedermos, temos a promessa de que obteremos testemunhos. Êste, então — o testemunho do evangelho de Jesus Cristo — é o conhecimento de maior importância.

Uma vez o tenhamos, tudo o mais se enquadra em seu lugar, e não mais precisamos nos preocupar sôbre quais atividades ou ocupações devem preencher nossa atenção e tempo. O próprio evangelho se torna num critério absoluto, e medimos tôdas as coisas pelos padrões que êle apresenta. Pelo tempo que estivermos seguindo os seus ensinamentos, não precisamos temer o nos tornarmos como os contemporâneos de Paulo: “que sempre aprendem, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade”. (II Tim. 3:7).

Se formos prudentes, aprenderemos e cresceremos até morrermos. Pois naquele dia que deixarmos de fazer estas coisas, bem poderíamos estar mortos, pois acabaria nosso valor para a família humana. Devemos aprender muitas coisas; ocupar-nos com vários interesses; tornarmo-nos proficientes, bem relacionados, interessantes às pessoas. Mas não devemos, em nosso fervor de melhorar a nós mesmos, esquecer aquilo que nos melhoraria mais que tudo — o evangelho de Jesus Cristo. Ê muito importante. “E a vida eterna é esta: que te conhegam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. (João 17:3).

O líder, no trabalho da Igreja, deve trazer os homens em sua melhor forma e os conservar assim. Seu trabalho é tirar idéias de outros e ajudar a perfeição seus conhecimentos e propósitos. Ele deve ser capaz de induzi-los a envia-los seus melhores esforços. É ele o responsável pela integração e equilíbrio do grupo; por conseguir que indivíduos comuns produzam acima da média. Cada membro do grupo sofre um desestímulo se houver descuido do líder; assim, o programa não pode ir para a frente.

A habilidade executiva é a mais valiosa capacidade conhecida. Com um bom líder, os trabalhadores sempre melhoram. Por exemplo: já tem sido muitas vezes provado, que uma equipe de vendedores sob a direção de um chefe comum, vende somente uma fração das mercadorias que podem ser vendidas pela mesma equipe sob uma chefia que possa manter moral alto, desenvolver o senso de responsabilidade, dar treino eficiente, e promover supervisão estimulante.

Com uma boa direção, os rapazes do Sacerdócio Aarônico de uma Estaca, obtiveram cinco vezes mais reconhecimentos do que o mesmo tipo de rapazes obtiveram com direção mais fraca. Os missionários, fazem mais conversos quando são melhor treinados e são mais eficientemente conduzidos. E numa "ward" onde o bispo é eficiente em suas funções executivas e administrativas, muito mais pessoas podem ser qualificadas para o reino celestial. Que capacidade é maior que esta?

Comparativamente, é mais fácil obter-se técnicos ou operários especializados, mas a direção executiva real, é uma qualidade de natureza superior. O orientador executivo deve saber muitas coisas. Deve saber trabalhar em sua própria força; deve desenvolver as idéias e acolher a imaginação de outros. É trabalho do orientador executivo, pensar, planejar, investigar, dirigir, conferir e inspirar. Ele vasculha os céus, por assim dizer, em busca de aviões inimigos, e resolve o problema antes que atirem suas bombas. Ele derrama óleo nas águas tempestuosas. Tem alto senso de honestidade e negócio limpo. Ele deve ser um idealizador e um bom dirigente de si mesmo, e ser bom exemplo. Deve ser ativo e entendido em relações humanas.

Walter Gifford disse certa vez: "O General que obtém sucesso é aquele em cujo comando os oficiais e a tropa batalharão e morrerão com entusiasmo". A história nos diz que a própria presença de Napoleão significava a vitória para seus soldados. Em sua presença suas tropas não podiam ser derrotadas. O Duque de Wellington

calculou que a presença de Napoleão no campo de batalha era equivalente a um reforço de 100.000 homens.

Por causa desta capacidade ser assim tão importante, devemos fazer o possível para desenvolvê-la em todo nível de responsabilidade da Igreja. Isto pode ser feito através de bom treino, estudo constante, esforço imaginativo e experiência proveitosa. A direção não pode ser colocada sobre os ombros de alguém como se fôra um manto. Ela não pode ser conferida. Ninguém pode se tornar num eficiente orientador executivo somente por ter sido designado para esse posto. A capacidade executiva é algo que a pessoa tem que conferir a si próprio, e mesmo assim, numa base temporária. Não se pode possuí-la; ela nos pertence somente pelo tempo que a adquirirmos. Quando o líder começar a deslizar, o moral e as realizações também deslizarão. Quando o líder progride, a obra do Senhor, da qual ele está encarregado, progredirá de acordo.

Que belo pensamento o de que possamos ser qualificados como oficiais executivos do Senhor, designados a introduzir, com vigor, seu programa na vida das pessoas!

A seguir apresentamos algumas sugestões para aqueles que têm ou que terão, responsabilidade executiva na Igreja:

- 1 — O orientador executivo da Igreja deve cuidar de que sua organização esteja propriamente ordenada em todos os tempos. Um exército ou uma organização comercial, podem ser aniquilados ou ir à bancarrota em algumas horas, se deixados sem seus próprios oficiais.
- 2 — É da responsabilidade do orientador executivo verificar se sua organização funciona contínua e eficientemente. O funcionamento próprio cobre todo o campo do "contrôle das rédeas", coordenação, integração e motivo. Diz-se que manter a eficiência numa organização é como que manter um pneu com vasamento lento; tem-se que bombá-lo sempre. O planejamento das reuniões deve ser feito continuamente, e os deveres devem ser aceitos e executados. O capitão de navio não pode amarrar o leme e esperar que seu navio chegue a um determinado porto. Ele tem que movimentar constantemente o leme para ir numa linha reta.
- 3 — O orientador executivo deve ter tempo à sua disposição. Ele não deve ser tão apegado aos detalhes que não consiga fazer seu próprio trabalho. Se a mente do orientador executivo está repleta de uma centena de distrações insignificantes, o sucesso é impossível. Ele deve

dispender as horas necessárias para o pensamento e o trabalho de sua função executiva. Ninguém confiaria num banqueiro que passasse o tempo fazendo o trabalho de outro, menos o seu, nem num general que abandonasse o seu comando para dar recados.

4 — Uma das principais funções do orientador executivo é a seleção do pessoal chave, sua distribuição adequada e treino. Ele deve ser um bom julgador de homens, e deve ter certeza de que eles compreendem seus deveres e os aceitam de todo coração.

5 — Todos devem conhecer seu lugar no empreendimento e saber que fazem parte do controle. Até mesmo o homem habilidoso pode fazer um mau serviço se ele não souber porque ele o está fazendo. Os vários ofícios na Igreja são todos uma parte de um grande governo descentralizado. O orientador executivo é aquele que divide o trabalho entre as pessoas que o executam e depois investiga para verificar se o serviço está sendo feito. Nunca dê a seu filho uma missão e deixe de verificar se foi feita. Essa investigação é também muito importante no treinamento de adultos.

6 — O orientador executivo deve ser apto a iniciar, orientar, medir e controlar o trabalho. Ele deve garantir o sucesso embora não tente fazer ele mesmo todo o trabalho. O condutor de duas parelhas de cavalos dá a sua maior contribuição segurando habilmente as rédeas e não abandonando-as para procurar empurrar a carroça.

7 — Ele deve ter sempre um objetivo. Thomas Watson, o falecido Presidente da International Business Machine Industry, disse que todo o dirigente deve principiar com um objetivo e trabalhar com afinco para a sua realização.

8 — O orientador executivo deve conhecer o programa, os problemas e as soluções envolvidas no trabalho daqueles por quem responde, de modo que ele lhes possa dar assistência técnica. Deve conhecer o máximo de contribuição de que cada um é capaz.

9 — Um bom orientador executivo deve ser um bom estudioso. O aumento de sua capacidade é tão importante, para que ele possa ter constantemente novas idéias, melhores métodos, e mais capacidade produtiva. Os instrumentos de Deus são de pouca valia nas mãos de maus trabalhadores. Para chegar a ser um dirigente, a pessoa deve crescer como indivíduo.

10 — Alfred Sloan disse: "A coisa mais importante que aprendi sobre direção é que um dirigente deve despertar a iniciativa pessoal dos homens que trabalham sob sua responsabilidade". Isto requer um bom exemplo, grande compreensão e muito esforço pessoal e individual. A mais alta forma de direção é a direção pela persuasão, não a direção pela exigência. A maior capacidade conhecida no mundo, é a capacidade executiva, e nossa maior contribuição para a obra do Senhor só pode ser dada quando desenvolvemos nossas capacidades no mais alto grau possível.

Fé, Essa Conquistadora

(Continuação da página 177)

mentos, por paredes das quais pareciam crescer vinhedos e flores, expondo uma variedade sem fim de coloridos.

Pareceu-me ver lá o meu pai, mas estava separado de mim. Eu quize que ele me permitisse penetrar o compartimento, mas ele replicou que ainda não era chegada para mim a hora de alcançá-lo.

Eu perguntei então, porque estava impedido.

Ele respondeu, "Sua obra não está ainda completa".

Tentei falar sobre isso de novo, mas ele afastou-me para longe, com a mão, e num momento estava de volta a esta terra. Eu vi

os irmãos carregando meu corpo e isto era, aparentemente, indesejável para mim.

Um dia ou dois após minha queda da árvore, conduziram-me a Mountain Meadows onde fui nutrido com leite de cabra e me recobrei rapidamente.

No outono desse ano de 1858, recebi instruções do Presidente Brigham Young, no sentido de que formasse uma companhia de homens para visitar os Moquis, ou índios Town, na margem oriental do rio Colorado.

O objetivo da visita era aprender algo sobre o caráter e condições de vida desse povo, e tirar partido de qualquer brecha que pudessem aparecer para pregar-lhes o evangelho e fazer o bem.

Meus companheiros nessa viagem eram os irmãos Dudley e Thomas Leavitt, dois irmãos

meus, Frederick e William Hamblin, Samuel Knight, Ira Hatch, Andrew Gibbous, Benjamin Knell, Ammon M. Tenney (interprete espanhol) Games Davis (intérprete galês), e Naraguts, um guia indígena.

O intérprete espanhol foi considerado necessário, porque essa língua era falada e compreendida por muitos índios da região. O intérprete galês foi levado, em vista de ser possível conter alguma verdade o boato que circulava, de que havia evidências de descendência galesa entre êsses índios. Um guia índio foi requisitado porque nenhum dos irmãos tinha viajado por aquela rota. Esta foi a primeira de uma série de visitas a êsse povo.

A companhia constituída de doze homens inclusive eu, deixou Santa Clara a 28 de outubro. Nossa rota geral de viagem era um pouco para Sul, no Leste. Acampamos em Pipe Springs, na terceira noite, em um local agora ocupado por um forte de pedra, e conhecido por Castelo Winsor.

Quando lá, dois ou três Piutes vieram ao nosso acampamento. Um dêles pediu-me que o seguisse até uns rochedos que jaziam sob os altos penhascos das cercanias. Quando alcançamos o local, êle me apontou um esqueleto humano. "Lá" disse êle, "estão os ossos de Nahguts, que matou seu boi em Clara. Êle fugiu até aqui, ficou cego, não pôde encontrar a fonte e morreu".

Na noite seguinte acampamos no sopé de Kibab, ou montes Buckskin, com o chefe e quase tôda a tribo dos Kibab, que forneceram o jantar, cozinhando grande quantidade de coelhos.

Êles os empilhavam e cobriam com cinzas quentes e brazas. Depois de prontos, o chefe realizou a cerimônia de dar graças ao Pai pelo sucesso de sua caçada e pedir a continuação de suas bênçãos para garantir-lhes a sobrevivência. Então êle dividiu os coelhos pelo acampamento, e todos nos juntamos à festa. Êles nos serviram carne, e nós lhes fornecemos pão. Eu notei um índio que se sentava sózinho, pesativamente, e nada comia. Acomodei-me a seu lado e perguntei-lhe quais eram seus pensamentos. Disse êle, "Estou-me lembrando de meu irmão a quem você matou com remédio mau".

Eu lhe disse que seu irmão tinha tomado seu próprio remédio, quando foi a Clara e matou um boi, assim atraindo sobre si a maldição. Aconselhei aquêle índio a comer com a companhia, não preparando algum remédio mau que viesse a matá-lo também.

Essa noção tão acentuada de remédio bom



e mau, entre os índios, evidenciava uma crença geral em feitiçaria.

O índio apanhou um pedaço de pão, dizendo que não desejava morrer. Contou-me nosso guia, haver-lhe dito êsse índio que, durante a noite, enquanto eu dormia, êle tinha desejado retalhar minha cabeça a machadadas, mas não o fizera temendo que isto atraísse sobre êle a desgraça.

Depois de escalar perigosos penedos e atravessar extensas fendas nas rochas, no décimo dia longe de casa atravessamos o rio Colorado, em Ute Ford, conhecido na história espanhola como a "Travessia dos Pais". A trilha para além do rio não era apenas difícil, mas às vezes muito arriscada.

Viajando durante a noite, um dos animais que carregava nossas provisões escapou. Dois homens saíram em seu encalço, enquanto a companhia prosseguia.

No terceiro dia a contar dêsse em que perdemos nossas provisões, tendo tido muito pouco que comer, chegamos a um lugar onde se criavam ovelhas, e depois a um jardim enroscado entre penedos. Era servido de água por uma pequena nascente, ocupando agradáveis terraços murados em três lados.

À nossa passagem notei que cebolas, pimenta e outros vegetais como os que plantávamos nos jardins, em casa eram ali cultivados. Chegando ao cume da penedia, descobrimos uma abóbora que evidentemente fôra colhida de pouco.

Nós nos apropriamos dela. Tinha um sabor delicioso e consideramo-la da melhor va-

(Continua na página 191)

MEU TESTEMUNHO

por Gert Ferdinand Folz

do Ramo de Vila Mariana

Estou imensamente grato a meu Pai Celestial pela esplêndida oportunidade que me concedeu, permitindo-me que viesse à terra e recebesse um corpo nesta época que temos o Evangelho Eterno restaurado em sua plenitude.

Reconheço que tenho sido grandemente abençoado. Nasci em lar protestante, filho de pai católico e mãe Evangélica Luterana, e desde cedo meu interesse foi despertado para as escrituras sagradas. Em busca de respostas das muitas perguntas que tinha, tive a oportunidade de conhecer algumas das Igrejas que clamam ser Cristãs, e de surpreender-me com a diversidade de interpretações e doutrinas que as mesmas pregam como verdadeiras, embora estejam em completo desacôrdo com as escrituras sagradas.

Em setembro de 1955 tive porém a oportunidade de conhecer a Igreja diferente; a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi em um sábado em que havia um programa especial apresentado pelos jovens da Associação de Melhoramentos Mútuos.

Causou-me profunda impressão a sinceridade e alegria pura e sadia que brotava nos olhos e lábios daquelas pessoas. Alegria esta que ia diretamente ao coração da gente. Nunca antes me sentira tão bem e sentira tanta felicidade. Era algo inexplicável, era como se eu tivesse sempre sonhado com aquilo, e finalmente o encontrara. A partir d'aquela noite passei a assistir regularmente as reuniões da Igreja. Surpreendi-me agradavelmente com a liberdade com que os alunos da Escola Dominical inquiriam seus professores. Quero agradecer também aos missionários, que alguns meses mais tarde visitaram-me explicando-me o evangelho em sua simplicidade e pureza. Eu orei sobre as coisas que com eles aprendera, estudei e assisti as reuniões. Com o correr do tempo, aos poucos, como se um raio de luz brotasse das trevas e obscuridade espiritual em que me encontrava, fui ganhando o conhecimento, a certeza e convicção de que esta Igreja

era realmente a Igreja de Cristo, e que somente através dela poderíamos ganhar salvação.

Em março de 1956, sepultando meu homem velho, e ressurgido para uma vida nova como um Santo dos Últimos Dias, entrei para a Igreja, através do batismo ministrado por servos de Deus devidamente autorizados e comissionados a realizarem tal ordenança sagrada.

O ano de 1957 trouxe-me muitas alegrias e experiências, as quais fortaleceram e aumentaram sebremente meu testemunho. Durante este ano, servi a pátria como paraquedista militar, e durante um salto meu paraquedas não funcionou normalmente em sua abertura, em consequência do que, sofri uma queda livre superior a duzentos metros, saindo ileso d'uma queda que em condições normais é mortal. Presenciei com intervalo de poucos dias, a morte trágica de dois companheiros, vítimas de acidentes semelhantes que lhes foram fatais.

Sei e reconheço que minha vida foi guardada e preservada nesta ocasião por poderes divinos. Em outra ocasião, neste mesmo ano, estive na eminência de perecer afogado, quando banhava-me nas águas do Atlântico, e por uma corrente marítima, fui arrastado para o alto mar, conseguindo me safar desta, somente quando já quase não podia mais resistir. Posso testificar que em ambas as vezes senti que minhas orações foram ouvidas, o que me animou a lutar sem esmorecer pois sentia que não estava só.

Em janeiro de 1958 fui chamado para servir ao Senhor como missionário. Este chamado trouxe-me mais bênçãos e alegrias que qualquer outra época de minha vida. O trabalho missionário dá-nos uma melhor compreensão da vida, um maior conhecimento do evangelho, ajuda que sejamos melhores criaturas e dá-nos muitas outras ricas e grandes experiências que de outra forma não podemos obter. Uma das maiores alegrias é vermos pessoas entrando para a Igreja e prestando seus testemunhos sinceros e humildes. Vi du-

rante o tempo que servi como missionário o poder do Sacerdócio agindo na edificação do Reino de Deus aqui neste país. Uma das maiores experiências foi sentir o poder dêste Sacerdócio, ao ver voltar à vida uma criancinha cujo coração parara de bater. Muito mais, poderia vos contar de como tenho sentido e visto o poder de Deus se manifestar entre os homens, mas não é meu propósito abusar da gentileza desta revista que permite-me vos dirigir estas palavras e prestar-vos meu testemunho.

Sei que Deus vive, e que Ele é um ser pessoal com um corpo glorioso e eterno.

Que Jesus Cristo, Seu Filho Unigênito, desceu à terra, e que aqui padeceu e pagou por nossos pecados. Que ressuscitou dos mortos com um corpo perfeito, glorioso e eterno, como o é o de Seu Pai. Sei também que os homens justos, mediante a obediência às leis

e regras do Evangelho, poderão ser glorificados e exaltados de igual forma. Em outras palavras acredito que o homem possa alcançar a perfeição que Deus já tem atingido.

Eu não tenho dúvidas que Joseph Smith foi realmente um profeta verdadeiro de Deus, e que, tenha restaurado em nossos dias a Igreja de Cristo que havia caído em apostasia após a morte dos Apóstolos por Ele escolhidos quando de Seu ministério pessoal no Meridiano dos Tempos. Sei que Deus não faz acepção de pessoas e que, portanto, qualquer pessoa honesta, que busca a verdade com sinceridade, e pretende construir sua vida sobre uma base sólida de crengas verdadeiras, poderá encontrá-las na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e saberá então que estas palavras são verdadeiras, e que verdadeiros são esta Igreja e meu testemunho, o qual deixo em nome de Jesus Cristo. Amém.

Fé, Essa Conquistadora

(Continuação da página 189)

riedade que conhecíamos, mas depois descobrimos que a fome aumentara seu sabor.

Quatro milhas adiante alcançamos a vila de Oriba, com quase trezentas habitações. Os edifícios eram de pedras ligadas com argila. A cidade se erigia sobre um rochedo com lados perpendiculares, projetando-se sobre a planície, como um promotório sobre o mar. O promotório é estreito onde encontra-se com a terra plana que lhe fica atrás.

Através dêle as casas eram grudadas umas às outras. A entrada da cidade, no lado leste, era estreita e difícil. A cidade fôra evidentemente localizada e construída para defesa contra tribus assaltantes das vizinhanças.

As casas apresentavam usualmente três andares, construídos um atrás do outro, de forma que os tetos mais baixos constituíssem verdadeiros terraços.

Para segurança apenas se atingia o primeiro andar alcançando o terraço e descendo então por uma escada que dava no pavimento inferior.

Após nossa chegada à vila, os chefes conferenciaram entre si alguns minutos, e fomos então convidados a fazer refeições com eles. Um dêles fez sinal para que o seguisse. Depois de atravessar várias ruas, e descer uma daquelas escadas até o teto do primeiro andar de uma casa, fui introduzido em uma sala provida de peles de carneiro, mantas, utensílios de barro para cozinhar, vasos d'água e outros artigos úteis.

Pareceu-me estranhamente equipada, ainda que apresentasse um aspecto de conforto; talvez isso adviesse do fato de terem sido muito árduos e laboriosos os dias da viagem, e muito magra a dieta.

Minha hospedeira preparou um assento confortável, com mantas, e convidou-me a ocupá-lo.

Um repasto liberal foi-me oferecido. Consistia de guizado, feijão, peras e uma cêsta de certa espécie de pão de cereal a que chamavam peke. Tinha a espessura do papelão, marrom, seco e torrado, ainda que muito saboroso.

A hospedeira, aparentemente suspeitando que eu não saberia como partilhar da sopa de feijão sem talher, enfiou com dextreza os dedos, apertados uns contra os outros, dentro do vaso que a continha, e, com um movimento muito rápido levou a sopa à boca.

No dia seguinte, os irmãos que havíamos deixado atrás, chegaram com a mula extraviada e parte de nossos mantimentos.

Visitamos várias dessas aldeias, tôdas localizadas e construídas de forma similar.

O povo geralmente usava burros para transportar seus suprimentos, exceto a água, até às habitações em cima das rochas. A água era usualmente carregada pelas mulheres, em bilhas achatadas em um lado para adaptar-se ao pescoço e ombros da condutora, e era atado com uma tira que lhe circundava o corpo.

A maioria das famílias possuía um rebanho de ovelhas. Êstes podiam ser vistos em tôdas as direções, saindo pela manhã para serem alimentados e retornando à noite. Tra-

zidos para as proximidades, ou para dentro das cidades, à noite, eram guardados contra roubo dos salteadores navajos.

Em tôdas as aldeias, algumas pessoas falavam o idioma Ute. Eles nos relataram certas tradições suas, que indicavam terem seus antigos pais conhecido os mexicanos, e algo sôbre os Montezumas.

Um homem idoso disse, que quando era rapaz, seu pai predissera que êle haveria de viver para assistir homens brancos vindo até êles, os quais lhes trariam grandes bênçãos, como as que seus pais haviam gozado, e que tais homens chegariam pelo oeste. Ele acreditava que vivera para ver cumprida em nós a predição.

Achamos recomendável que alguns permanecessem com aquêlo povo durante uma estação, para estudar sua língua, adaptar-se a êles e, como eram do sangue de Israel, oferecer-lhes o evangelho.

Os Élderes Wm. M. Hamblin, Andrew Gibbons, Thomas Leavitt e Benjamin Knell foram selecionados para êsse propósito.

Acenando adeus a nossos amigos Moquis e aos Irmãos que com êles ficariam, iniciamos nossa viagem de regresso. Dezesseis dias de árdua marcha seriam necessários para completar a jornada.

Esperávamos obter víveres na aldeia de Oriba, mas tal não se deu devido à escassez. Nada tínhamos para nossas montarias além de grama sêca, e elas já estavam um pouco velhas. O frio vento do norte soprava em nossas faces, e não acendíamos fogo à noite, pois que êle revelaria nossa posição aos índios noctívagos.

A jornada de retorno foi muito laboriosa e desagradável. Com provisões mal suficientes para chegarmos a casa, perdemos novamente parte delas, por um estravio, e, não conseguindo obter carne com os índios como esperávamos, ficamos reduzidos a rações realmente curtas.

Em Pipe Springs a espessura da neve atingia-nos os joelhos, e ela caía muito depressa. No primeiro dia, apenas conseguimos fazer

oito milhas, daquêle lugar a Cedar Ridge. Ao cair da noite, discutimos a situação.

Levando em consideração nossos estômagos vazios e a dificuldade da viagem através da neve, parecia impossível chegarmos a casa sem matar um de nossos cavalos para comer. Vivemos dessa espécie bastante imprópria de alimento durante dois dias.

Chegando ao lar, foi muito agradável encontrar uma mudança na dieta, bem como nossos familiares e amigos!

Durante aquêlo período, os irmãos tinham enfrentando algumas dificuldades com os índios de Santa Clara, e as diretrizes adotadas pareciam estar surtindo maus resultados. Visitando os nativos descobrí, que não haviam más intenções de sua parte, e todos êles estavam muitos contentes por terem a desinteligência resolvida e aplainada.

Os irmãos que havíamos deixado entre os Moquis retornaram no mesmo inverno.

Formara-se uma divisão entre o povo, quanto ao fato de sermos ou não os homens profetizados pelos antigos pais, que deveriam vir a êles com os conhecimentos que possuíam seus pais.

Essa disputa tinha-se agigantado tanto que pouco ou nenhum bem poderia resultar de sua permanência entre êles. Por outro lado, os chefes Moquis aconselharam seu retorno.

Os irmãos suportaram muita privação e dificuldade nesse esforço de pregar ao povo. Os índios declararam que não desejavam atravessar o rio Colorado, para ir viver com os "Mórmons", porque uma tradição lhes chegara desde seus pais, pela qual não deveriam atravessar aquêlo rio enquanto não retornassem a êles os três profetas que os conduziram àquela região.

Seu chefe profetizou ainda que os "Mórmons" estabelecer-se-iam numa terra ao sul daquela em que viviam, e sua rota ficaria acima de pequeno Colorado. Isto nos pareceu muito improvável àquele tempo, mas tudo tem-se cumprido desde então.

(Continua no próximo mês)

SEU RAMO



Participamos o enlace matrimonial do casal Léa Seluque e Gert F. Folz, realizado dia 16 de abril de 1960 em Ribeirão Preto pelo Presidente Wm. Grant Bangerter. Ambos os nubentes são ex-missionários e cumpriram suas missões em 1958 e 1959. Fixaram residência na área circunscrita ao Ramo de Vila Mariana.

RIBEIRÃO PRÊTO

Após alguns meses sem mandar notícias para a nossa revista, aqui vão as que foram acumuladas. No dia 6 de fevereiro mudamos para a nova capela; e, trabalhamos bastante para limpar a nova casa, mas grande foi, e, é, nossa alegria. Já recebemos os novos bancos e breve será a inauguração. O salão da A. M. M. é bem grande e vamos ter um paleo. Os líderes da A. M. M. local pensam em teatro, o que sem dúvida trará mais atividade.

Dia 31 de março, Elder Gary Kidman foi transferido. Fizemos uma pequena festa.

Já se encontra entre nós Sister Diva Raimundo, que retornou muito feliz e com muitas idéias novas. Quando de sua chegada em março fizemos uma festinha que ocorreu no dia 12 do mesmo mês.

No dia 30 do mês de março, houve o primeiro batismo do ano. Foi batizada a nossa irmã Guiomar Lacerda Zinatto, o que para nós foi alegria por saber que mais um membro se reúne ao rebanho de Jesus Cristo. Para ela foi um dos primeiros prêmios que recebe de Nosso Pai Celestial, pois mais ganharemos, se melhor vivermos.

No dia 9 de abril tivemos um jantar, organizado para fundo de construção. Contou o jantar com a presença dos membros e amigos da Igreja dos SUD. Após o jantar tivemos alguns números musicais, e esquetes relâmpago, nos quais tomaram parte os membros e amigos. Num futuro próximo será organizado novo jantar, que nos alegra e ajuda bastante.

Maria Aparecida Bueno

Ramo de Londrina

5 e 6 de março:

Realizou-se a Conferência do Distrito de Londrina, no sábado na A. M. M., com um formidável "SHOW" apresentado pelos sócios da Mútuo, os quais gostaríamos de citar: Emery Silva, Jane Camerlingo, Jacinir Camerlingo, Rafael Solis, Anizio Pereira, e outros que contribuíram para que o "show" fôsse um sucesso. No "show" tivemos a participação das filhas do Presidente Sorensen que nos causaram admiração pelos seus formidáveis talentos.

No domingo, dia 6 tivemos o resto da conferência e os líderes conseguiram aprender muito mais com as formidáveis apresentações e aulas da Sister Sorensen e Sister Olpin. Como líderes dêste ramo agradecemos sinceramente por nos ter ensinado como sermos bons líderes, e como lidar com a Primária. A conferência terminou com a reunião dos missionários.

13 de março:

Neste dia às 7 horas da manhã, entrou para as águas do batismo a nossa querida irmã Marlene Petrole, à qual damos os nossos corações e nossos sinceros parabéns. Que seja uma grande líder!

Eoremi Vincoletto

RAMO DE SANTOS

No dia 17 de março, p. p., foi realizada aqui no ramo com a presença de inúmeros irmãos e amigos da Igreja, a festa de aniversário da Sociedade de Socorro.

Foram apresentados alguns esquetes com crianças do Ramo, e também uma hora Fami-

liar foi apresentada com a participação dos irmãos: Walter Pinto, Audalia Gomes, Olívia Pinto, Benedita Chagas, Sílvia Heloísa, Ondina Ferraz e a amiga Cristina Ferraz.

No final foram distribuídos alguns doces e assim foi encerrada esta festa em que comemoramos mais um aniversário desta bela organização que é a Sociedade de Socorro.

Irmã Enama G. d'Ávila



No dia 12 de março p. p., os Santos de Santos reuniram-se para assistir ao enlace matrimonial de nossa Irmã Clara Behling com o Senhor José Tejero Quero. Numa cerimônia simples, mas grandemente significativa, os noivos foram unidos. A Sociedade de Socorro ofereceu então ao casal uma mesa de doces e o resto da noite foi passado nos festejos desse alegre acontecimento.

A Primária realizou no dia 15 de março uma festinha denominada Festa dos Pioneiros para a qual foram convidados os pais das crianças. Os alunos da Associação ofereceram aos presentes alguns números teatrais e todos participaram de muita alegria observando o progresso destes jovens que futuramente serão os líderes da Igreja. Após as representações, uma mesa de doces esperava os presentes.

Grande número de Santos dos Últimos Dias reuniu-se no dia 15 de abril na capela do Ramo para de lá rumar ao local onde realizar-se-ia um acampamento que duraria até o dia 17.

Um caminhão levou a bagagem do pessoal para a Praia de Paranapuã onde, por volta das 12:00 horas já havíamos armado uma das barracas que nos abrigariam durante nossa estada na praia. Alguns membros de outros ra-



mos do distrito também nos honraram com sua presença e durante a tarde de sábado divertimo-nos imensamente brincando, passeando, e aproveitando do mar. Embora uma parte dos participantes não permanecessem para passar a noite conosco, em barracas, um bom número permaneceu e depois de muito brincar na praia, recolhemo-nos, preparando-nos assim para o novo dia de divertimentos que viria.

Dia 16 foi também muito agradável, a Praia de Paranapuã oferece passeios realmente encantadores e todos nós tiramos proveito deles. O sol brindou-nos durante todo o tempo com seu brilho e a tardinha todos nós participamos de jogos e brincadeiras que muito nos uniram e ajudaram a compreender melhor uns aos outros. Quando a noite chegou, aproveitamos das bicicletas que tinham sido trazidas e fizemos longos passeios, cada um levando um outro em sua bicicleta pois tínhamos muito maior número de pessoas do que de veículos. Recolhemmo-nos depois de assistir à aparição da lua, que o fez bem tarde, e reunidos na barraca conversamos ainda por um bom número de horas.

O domingo surgiu com uma radiosidade que parecia dizer, "É Páscoa, o Senhor ressuscitou." e nós nos fomos para nossos lares, tristes por termos que partir de um lugar tão agradável e duma reunião tão feliz, mas alegres porque havíamos estado juntos e unidos com o propósito de divertirmo-nos retamente diante do Senhor, e sabendo que ainda aquele dia nos reuniríamos novamente para as reuniões, os sacramentos e os conselhos de nossos líderes.

Reminiscências

MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS DA MISSÃO BRASILEIRA



ELDER

John H. Grant
Olympia, Washington



SISTER

Lois Jean Scott
Idaho Falls, Idaho



ELDER

Keith L. Storrs
American Fork, Utah



Mostramos à direita os Elderes Supervisores da Missão Brasileira, numa conferência que teve lugar em São Paulo, a 14 e 15 de abril último

Como reponderia você a uma pessoa que o convidasse a “fumar um cigarro” ou “a tomar uma bebida”, ou a fazer qualquer coisa que estivesse contra os ensinamentos de seu Pai Celestial?

O que diria você? De quantas palavras necessitarias para explicar-se ou para se desculpar? Quando, assim for, deve você comprometer-se, mesmo só um pouco, por causa das aparências?

A resposta é fácil. Apenas diga: “Não, muito obrigado”. Não hesite, e não pense no que os outros podem pensar ou fazer. Seja honesto e natural. A sinceridade é admirada por todos.



Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO